# LITERATOS

## O JORNAL DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA DA UERJ

DEZEMBRO/2020 N. 3

## Editorial

Esta edição era para ser lançada logo no início do ano. Faríamos uma bela celebração com um sarau em que buscaríamos reunir não só os participantes do jornal, mas a comunidade acadêmica, assim como no sarau da 2ª edição. Mas aí veio a pandemia. Durante muito tempo nos perguntamos se valeria a pena falar de poesia nesse contexto apocalíptico. A princípio só voltaríamos com edições físicas na segurança sanitária. Contudo, o momento urge. A realidade se desenha com traços fúnebres. O genocídio, a violência, o ódio, o descaso são absolutos em seus desígnios. Reivindicar a vida, o humano, o grito, são gestos de uma arte contra a barbárie. Pois façamos então dessa arte o nosso ato. O *literATOS* nº 3 é também uma edição em homenagem a Ricardo Freitas, estudante de doutorado da Letras que foi morto pela Covid-19. Ele entrou em contato conosco logo que anunciamos a abertura do edital, isso no ano passado. Enviou dois arquivos, um poema e uma ilustração que tentava ser um poema, palavras dele. Encerrou o email dizendo para retornarmos caso a imagem não estivesse boa. Acusamos o recebimento, agradecendo a participação e enviando um 'Até breve!'. É díficil saber que ele não estará mais entre nós, que não haverá o retorno do contato, que não será possível conhecer melhor o artista plástico tão sensível que ele era. Impera um sentimento de tristeza e vazio. O desejo de homenageá-lo foi também essencial para a decisão do *literATOS* voltar. Teremos, portanto, seus dois arquivos enviados abrindo o jornal, o poema e a ilustração.

Boa leitura e saúde a todas e todos. UERJ resiste!


Editor
Samuel Praciano

Capista
Jade Navarro

Diagramadora
Liciane Corrêa

Revisores
Aline Fernandes
Bráulio Coelho
Caroline Martins
Ingrid Machado
Jade Navarro
Kaio Rodrigues
Letícia Botticello
Luana Gomez
Mônica Silva
Raphael Charles
Ronald Monteiro
Samuel Praciano
Thayane Gaspar
Wagner Azevedo

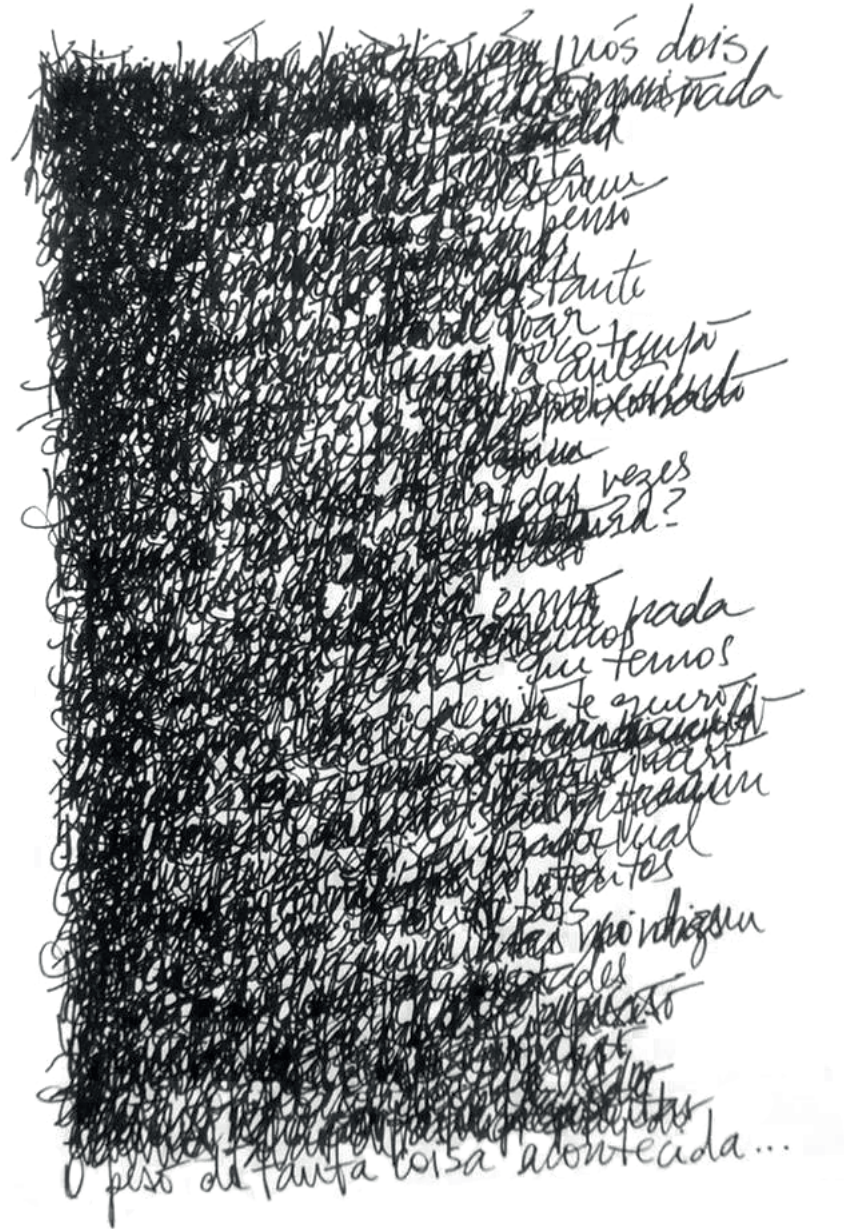
Agradecimento especial
Davi Pessoa
Marcus Motta
Bruno Deusdará
Raphael Salomão


## Manifesto do "azul laço primavera"

Miragens. Eis uma pintura. O branco da tela autentifica o silêncio. Da intangibilidade tenta-se nomear a realidade. Mapeia-se quais signos representariam a cartografia das cores. O traço deveria marcar a compreensão da trajetória. De certo, o itinerário não lhe era conhecido, muito menos de um retorno possível. Haveria de escolher uma cor para marcar os acessos que assegurassem a sua volta. Qual tonalidade representaria o sinônimo de nuvens? Qual pigmento tingiria os rastros das instâncias dos sonhos? No percurso veredas, a viagem é na linguagem. Entre a beira de uma canoa clareira ou o ato do navio vazio, escolheu a vertigem do verbo navegar. Era preciso navegá-lo antes de pintar a navegação. O encanto repousou frágil no cenário como os desígnios do compasso do pássaro. As franjas do rio se fragmentam e alimentam a retórica das enseadas. Invocar os signos é ser possuído entre a revelação e o sonho. Delineou o rumo, abriu a passagem, transpôs quem era. Soube que era uma figura sem tinta. O movimento flui do nado ao nada. O tambor do mar na margem brasa da palavra. Ondas batuque, o timoneiro baixou no terreiro. O pincel baila na noite da onda mais longa. Ênfase no realce. Havia encontrado o corante de sua analogia. O alívio, em plenos pulmões de ócio e fadigamento, de uma alma deitada na verde cama. Ou, então, de uma alma escura às moscas nas lâminas do cinza trilho. Olhos mais que outros, encharcados de azul. O corte de quem precisa vencer, a coragem e a disposição de quem abre os caminhos. É tudo azul. O alaranjado dos trópicos, que inibe o anseio racional da vida adulta e que esquenta o apetite juvenil de esfomeados corpos, também é azul. Os vestidos da inconsciência, o sal que livra o mau olhado, o colo e o ventre de quem gera filhos do mar, a navegação no canto da sereia e areia que se pisa, com pernas trêmulas, ao sentir-se em um porto seguro. A ligação que de repente preencheu a casa. O que se vê de relance, paixão acelerada, ao se abaixar para amarrar o tênis, ao se esticar para empurrar o mundo. O mormaço de um desejo, por debaixo dos panos, chuveiro em conta-gotas de bordas e laços, só poderia ser mesmo azul. A fita mais colorida da terra, o destino do pote de ouro. O céu mais badalado, dançam estrelas e astros, planetas e deuses. Orixás também, na pista de dança, transformam a vida na terra num grande azul laço primavera.

Samuel Praciano e Bráulio Coelho

## 1º ato – Poemas e traduções

# Poema para todos eles

*de Ricardo Freitas – In memorian*

De manhã eu só queria,
quebrado em versos,
desviar.

Eu que não queria
fazer a doida, a santa,
a egípcia, a phyna.

Eu só queria pagar amor com amor,
mas tem os vãos que nos separam
de nós mesmos, você sabe
golpeados que estamos

*Ricardo Freitas – In memorian*

## Percursos

A minha escrita percorre caminhos
que nem eu mesma sei.
Simplesmente se deixa ir...
Não quero detê-la, nem posso.
Está em mim, mas não pertence a mim.
É livre. É do mundo.
O que não se expressa com a voz,
flui em palavras escritas
num caderno de mestrado,
ou no guardanapo da cafeteria.
Não importa o meio, escrever é preciso.
Escrever é ser.
E este ser se desdobra em infinitas
possibilidades que a escrita retifica
Cada dia inventa uma coisa nova.
Cada dia se mostra mais exigente,
mas também ponderável.

É o estigma que Deus
me marcou neste mundo:
a escrita constante por caminhos
dos mais errantes.
A escrita que é estranha a tudo,
inclusive a mim.

*Aline Fernandes*

• • • • • • •

## A consulta da sorte

Consultei o céu e as estrelas
Para encontrar as borboletas
Tudo que eu queria era vê-las
Perdi-me na luz dos cometas.

Consultei o horóscopo lunar
Para encontrar o sentido do ser
A minha fé depositei no altar
Vi a vida passar sem nem perecer.

Consultei as runas antigas
Para encontrar o meu futuro
Perguntei às minhas amigas
Que são meu porto seguro.

Consultei o meu guarda-roupa
Para encontrar minha blusa azul
Bebi um suco bom feito da poupa
Quero união de Norte a sul.

Consultei um guia de viagem
Para encontrar o meu Nordeste
Acha-se lá um sonho de paisagem
Onde me banharei no azul celeste.

Consultei um famoso oráculo
Para encontrar uma razão real
Livre estou do seu vil tentáculo
Solto e fora da mercê do mal

Consultei as fossas abissais
Para encontrar o vasto fundo marinho
Encantei-me com os corais
Permuto entre acompanhado e sozinho
Hoje eu vesti a camisa azul
Que Tão bem fica em mim
Sentar-me-ei em minha curul
Sinto-me bem melhor assim.

*Allan Piemonte*

• • • • • • •

Remédios para dormir
Café para acordar
Fotos ensaiadas
Rosto maquiado
Para agradar

Trabalho desagradável
Pelas contas a pagar
Terapia semanal
Remédio controlado
Pra não deixar de respirar

Prazo cumprido
Pra ninguém reclamar
Choro engolido
Riso forçado
Pra não entregar

*Alyne Bittencour*

• • • • • • •

oh, meu bem
que fizeste?
caso eu queira
eu sempre quero
caso eu veja
eu sempre vejo
caso eu sinta
eu sempre sinto
caso eu minta
eu... não.
autocrítica
quem sabe
não seja esse
o grande erro
clap clap
diria até
inocente, não?
a profundidade
da minha mente
não permite
pessoas rasas
mas a densidade
de alguns seres
confunde nossa visão
nossa mente
nosso corpo
e torcemos
para que seja
pro-fun-do
sempre é
pra sempre
nunca é
pois que seja
ou que não seja
veja

esteja
porém perceba
quão lindo é
eu
você
amarras
rebocos
sei lá, iogurte?
sinfonia
cada batida
um som único
escute

*Anna Vi*

• • • •

## Burroughs 0502

A meta afeta a anima.
A mente mente e altera a alma.
Há almas, em pedaços, enclausuradas.
Abre as janelas e sai.
Não há porta que dê pra rua alguma.
Nem repara que há nuvens no lugar do chão.
Pisa em falso, no vácuo. Vacila.
A boca seca, a língua presa ao palato.
Olhos pregados no tapete persa. Sem pressa, pensa.
A cabeça gira, gravitacionalmente.
Os sentidos acesos, como quem caminha
a frente de si mesmo.
Do álcool ao chão, quantas vezes sim e não.
Muitas vezes sombras.
Lembra um gato por dentro.
O gato, ele mesmo, cismado.
O Homem em riste, estupefato, viaja
por lindos sóis delirantes!
Campos de Elíseos sabores e trôpegos andarilhos.
Beatificados!
Almeja uma última tragada do que sobrou do corpo.
Nem digo ossos que, de tão virados, parecem algodão.
Anseia e treme a alma oscilando no corpo – Orbital.
Quantas vezes sim. E, não.

*Antonia Cleons*

• • • • • • •

## Salva-vidas

Se me jogarem ao mar
vão perceber
que de afogamento
Não vão me ver morrer

Já me jogaram antes
Sem piedade
Sem boia
Sem bases

Aprendi com a necessidade
(professora da vida)
a sobreviver ao mar
em uma tempestade

Já me afoguei
Já fui salva
Já nadei contra a maré
Já fiz muito por mim,
pense o que quiser

Não nado com perfeição
Não nado por profissão
Não nado por escolha

Apenas me jogam ao mar
na esperança de me verem afogar

*Brenna Torres*

• • • • • • •

## Copo meio cheio

Em torno do líquido
Amigos, querer, expectativa.
A cena é erótica,
Desliza na pele
Um desejo que é
Como a noite.
Eu não entendo,
Mas, quero,
Quero tanto.
Mas, talvez, não devesse
Ah... melhor não;
Pois, como um
Pensamento que voa
E me trás tantas coisas
- Hipóteses e fantasias -
Tudo aqui
Se resume a fragilidades
Num instante fugaz.

*Caliba Aldebran*

• • • • • • • •

## Solitas

Saudade; sentimento que nos traz um vazio sem preenchimento. Que nos transborda de uma falta do que conhecemos, sem saber. Que não pertence ao presente, passado ou futuro, apenas sentimos.

Saudades de histórias inventadas, risadas bobas, encontros nem sempre animados, momentos de colo e de trivialidades. Saudade essa que não finda, ela se recicla, se sublima, se transforma em nostalgia.

Hoje a saudade é doída e faz um buraco tão fundo que chega até ao estômago e inunda a alma. Saudade da sua alegria, da sua energia, de ouvir suas infinitas histórias... Agora, ainda é ensurdecedor o seu silêncio, mas a sua voz continua a entoar lá... ao fundo, no interior do meu peito.... cantarolando suas peripécias e aventuras na vida.

*Cláudia Marapodi*

• • • • • • • •

## Armário

Dizem por aí: meninos vestem azul e meninas rosa
Eu não concordo, isso é um absurdo
Algo retrógrado e muito limitador
Os armários devem ter uma amplitude
A diversidade é maravilhosa
As mentes devem ser despidas desse horror
Eu vou me expor:
Uso vermelho em memória das vítimas da intolerância religiosa
O preto é luto e também luta pelas vítimas da violência
Verde para conscientizar o meio ambiente está sendo devastado
O branco é uma homenagem aos puros de coração
O colorido para enaltecer a diversidade
Não faço acepção de pessoas, ideologias e religião
Tem um caso que eu abro exceção: a barbárie
Que é externada por vestes fabricadas por ismos e ias
Ah, no meu armário isso não entra não!!!

*Denises Manhães de Almeida Ohana de Sá Oliveira*

• • • • • • • • • • • • • • • • • • • • • • •

## Índig(n)o

Tom da imagem deste planeta,
Do olhar atento ou de veneta

Comum a muitas bandeiras do sul
Dos povos que não têm sangue azul

Contraste nas estrelas do progresso
Estampa dos ideais de retrocesso

Colore o vasto oceano atravessado
Pro início da violência no passado

Cerúleo, anil, índigo, celeste
Isto que pigmentas, tu o trouxeste?

Pela maioria és a escolhida
Mas teu despeito abre larga ferida

Se dás cor ao ar e à água transparente,
Transparece então os fatos, abre a mente

Predomina no céu, como ele é de todos
Vive com outras cores sem torná-las teus despojos

Traga, como lhe é próprio, a serenidade
Ó, azul, não represente a atrocidade

Seja a cor do amor, não a do ódio
Põe a humanidade, e não a ti mesma, no pódio

*DM Brum*

• • • • •

...que bonito esse álbum de fotos. Deve ser de 2000, minha mãe sempre escrevia a data no verso das fotos (*sorriso*)... Eu não falei? 2000. Caramba, eu tinha cinco anos. Olha o rostinho desse bebê… Imagina se ele soubesse das coisas que eu sei… Não, imagina se eu não soubesse das coisas que eu sei agora. Eu lembro que nesse ano eu acordava todo dia com o canto do galo só pra ver o subir do sol. Hummm... Eu quase consigo sentir aquele quentinho do Sol de antigamente no meu rosto… “*Bom dia mãe.*”, “*Bom dia filho.*”, “*Volta a dormir porque tá cedo, mas precisa fechar a porta com a chave?*”, “*Eu vou dormir logo poxa, queria só ver o sol.*”, “*Ouviu esse barulho, cebolinha? papai chegou. Chegou cansado porque tá falando alto.*”. Mamãe sempre tão desastrada deixando copos caírem… “*Ele foi trabalhar, né? Mamãe, mamãe, a senhora tá chorando?*”, “*Não, filho, tô cortando cebola. Nossa... Cebola é ruim de cortar, né? É sim, filho, vamos pra escola?*”, “*Adoro a escola porque lá eu fico muito feliz com meus amiguinhos, a gente brinca no parquinho, a gente corre pra lá e pra cá, é muito legal na hora da merenda…*”. Eu lembro que na hora da merenda eu sempre jogava Pokémon com o Gabriel. Gabriel era muito legal. “*Dorme com esse choque do trovão, menino.*”, “*Duvido, hein. Eu tenho um Gyarados AHA!*”, “*Esse Pokémon não é bom lutando com meu Pikachu porque o Pikachu é elétrico puro e o seu Gyarados é água e voador, ou seja, vacilão! Desvantagem dupla!*”, “*Droga!*”. TRIMMMMMM, “*Acabou o recreio, Gabriel, amanhã a gente joga (gargalhada).*”, “*Claro, eu adoro jogar com você porque você sempre esquece do que é bom contra o que*”. Meu deus, olha eu com minha madrinha! Nossa, ela era bonita demais, por isso que conseguiu casar com meu padrinho. Claro que foi burra de trair ele, mas tem uma pensão que eu queria. Ela é sagitariana igual a mim, por isso que ela é doida… Nossa! A minha prima, gente, ela morava bem aqui do lado... Nossa, queria muito que ela ainda morasse aqui... Tempo bom não volta mais. Minha prima que me chamava de priminho, daí ela era minha priminha e eu não conseguia falar, aí virou *miminha*. Ai, eu era uma peste quando criança, essa garota sofreu na minha mão. E essa fotinha aqui com minha tia e os cinco filhos, caramba… Meus cinco primos! Há quanto tempo que eu não vejo eles assim, reunidos… Juntos… Felizes. Lembro que a última vez foi... Não, nessa o Tom não tava… Acho que… Não, o Dinho que não tava dessa vez. Nossa, agora eu lembrei, olha como a cabeça da gente faz coisa! Lembrei do dia da virada do século. Eu era pequenininho quando foi 2001, mas eu lembro muito bem da Tati chegando com um bolo de aipim e a tia Tiana fazendo as coisinhas lá em casa igual ela fazia em Itaperuna. Nossa... Eu não vou lá tem tempo, né... Eu lembro, essa memória me marcou muito, de no caminho pra lá ter um céu cheio, cheio, cheinho de estrelas...Nossa, essa foi uma das melhores coisas que eu vi na vida, aquele céuzinho cheinho de pontinhos branquinhos, branquinhos, um montão assim, um do lado do outro. Parecia até um balão de festa azul lotado de estrelas. “*Filho, em cada estrelinha dessa tem um pouquinho do amor da mamãe.*”, “*Nossa, mamãe, você me ama tanto assim?*”, “*Amo.*”. Ah, olha essa foto aqui no churrasco de quando eu nasci (*riso*), meu Deus, como eu era pequeno... Essa aqui é de quando? 95. Gente, eu era tão pequeno, minha mãe sempre cuidou tão bem de mim... Olha o carinho dela comigo, dá pra ver de longe, não precisa ser nem da família pra ver. Tudo foi escolhido com tanto cuidado, olha, tanto amor… E olha que ela fala hoje que naquela época ela tava muito mal porque meu pai era foda. Aí olha aqui nessa outra foto do churrasco, dá pra ver meu vô. Nossa, ele era tão risonho e feliz, eu fico tão triste de ver ele hoje na cama sem poder se mexer... Eu fico vendo ele sabendo que mais dia menos dia… Minha vó também tá na foto, olha só (*riso*)! Ela tava tão sorridente nessa foto, que pena que nunca vi esse sorriso assim nela porque hoje ela tá sempre tão triste... Esses sorrisos não voltam mais mesmo, né. Meu tio também aqui com essa carinha, nem sonhava em pensar que ia dar tudo errado na vida dele. Nossa, eu achei que tinha mais fotos nesse álbum… Um dia eu ainda mexo com vontade nesse móvel pra pegar os outros álbuns lá no fundinho… Nossa, já é meia noite. Meu Deus, como que o tempo passa rápido! Eu só queria, sei lá, que fosse mais lento. Que a gente

pudesse entrar nessas fotos e viver de novo as coisas igual uma máquina do tempo bem pequenininha na gaveta.
Sabe, eu queria muito voltar a ser criança às vezes porque, pensa comigo, eu era tão feliz.

*Douglas Rosa Ferreira*

## O *Blues* da Mulher de Branco

Um dia
a Mulher de Branco
em sessenta e poucos
em Ipanema
em luto a sol nascente
entregou a Deus
todo seu sorriso
toda sua beleza
toda sua juventude

Esqueceu-se de si
perdeu-se nos cantos
e em escusos encantos
de anjos cheios de bossa

Tardou
vestiu-se de céu
em novo século
em paredes anis
em paz ao sol poente
transformou tudo
branco em azul
bossa em *blues*
o *Blues* da Mulher de Branco

*Eduardo Merçon*

## Mariana

Nenhum hino é mais triste que esse teu,
Mariana, cidade desditosa,
Que registra em verso como em prosa,
Saudades de um lendário apogeu.

Alphonsus o teu pranto enriqueceu
Com lira simbolista e esperançosa,
Canto da juventude generosa,
Viva voz da cidade já museu.

Adormecida Deusa de alegrias
Mortas, mártir de crime ambiental
Dos vilões da Samarco tão rapaces,

Se a indulgente Têmis encontrasses,
Ao Pelourinho certo a prenderias
Para sofrer do povo um tribunal.

(28 a 31 de maio de 2018.)

*Edson Amaro de Souza*

Ser positivo é ser azul.
Ser nobre é ter sangue azul.
Tem saldo no banco? A conta tá azul!
Quer relaxar? Lá no fundo azul,
Na beira do mar ou no sonho blue.
Azul é tranquilidade: mistura de paz e liberdade.
O céu é o limite da sua beleza,
O oceano a profundidade das suas ideias.
Resista firme a chuva ácida!
Para livrar a alma das amarras
Azul é ter luz no meio das trevas,
Amor em meio a guerra.
O vermelho escorre, mas o azul surge como esperança.

*Elisa Aguiar*

## Pequenos detalhes

Nos detalhes, ela me proporcionou a chance de admirá-la.
No encanto do sorriso e mistério no olhar,
Com seus cabelos longos e negros revoados pela suave brisa,
Pele alva como a neve, rútilo como o sol,
Que podia envolvê-la enquanto contemplava o horizonte.
Nos detalhes, sem perceber, revelou-me seus traços,
Os mais íntimos, delicados e sublimes, como
Quando a lua cede lugar ao sol na aurora.
Oh, admirada de Minh 'alma!
O meu âmago padece em não poder explicitar o quanto te desejo!
Procurar-te-ia nem que estivesse em alhures,
Para que pudesse novamente vislumbrar,
Aquela a quem anelo a tanto tempo, e
Que continua a apreciar o infinito horizonte.
Firmo-me na esperança de que um dia a reencontre
E, juntos, sejamos como pequenos detalhes
Da metáfora poética que é o amor.

*Elton Costa*

## Cantiga da saudade

*Senti seu cheiro na esquina do meu quarto*
*Onde, até ontem, ali pertencia-nos um abraço*
*As risadas ecoam por toda a casa*
*Perseguindo-me enquanto passo*

*O perfume amadeirado rasga meu peito*
*Querendo ali se alojar*
*Um lugar aconchegante e quente*
*Com anseio de amar*

*Canto um verso de saudade*
*Imprensada pelas regras e rotinas*
*Tentando esconder toda a verdade*

*Amor, posso ver o fundo*
*Ele acena de volta para nós*
*Enquanto, promíscuos, mergulhamos de cabeça nesse mar*

*[profundo*

*Fernanda B. Schwerdtner*

## Créditos finais

serão felizes, ao final do poema,
a histérica e o afeminado
serão felizes os ansiosos
que catastrofizam desastres
serão felizes se tiverem modos,
se puderem amar sem escândalo
serão felizes aqueles que puderem amar
no mais completo silêncio
você sabe que é tudo mentira, né?
aquele ator bonitão do filme
aquela atriz das coxas grossas
aquele ator que passa as mãos
nas coxas grossas da atriz
aquele ator bate na mulher
imagina as coxas dela, muito roxas,
a maquiagem pesada pra disfarçar o efeito
da realidade nas pernas dela?
imagina que, durante a execução dessa cena
ele disse, com voz aveludada:
"Iolanda, você é fraca."
agora me escuta falar no teu ouvido,
com voz trêmula de megafone,
tentando não acordar as pessoas imersas
na cena do ator que bate na atriz das pernas grossas:
você escuta algum sussurro?
você escuta algum alarde?
alguma fina voz além da minha?
a minha voz opressiva e insuportável?
me passa a pipoca?
tem pipoca nos meus dentes?
esse ator ele ba…
cheia de mim está a minha voz
e a tua voz também que não se cala
nenhuma voz na sala
serão felizes todos aqueles a quem
a consciência não fala
serão felizes, antes dos créditos,
se eu acalmar as vozes,
serão felizes, antes dos créditos,
se se comportarem
como um afeminado, histérico,
ansioso.
serão felizes se eu puder ir ao cinema
no mais completo silêncio,
nenhum poema
nenhum toque nas coxas da mulher histérica,
ou beijo no homem afeminado,
ou choro descontrolado e ansioso
serão felizes porque essa sala de exibição
possui quatro
extintores de chilique,
as portas laterais
tem barras anti-poemas

é proibido escrever durante a sessão
desligue o cérebro
serão felizes porque essa sala de exibição
possui nenhum trailer adocicado
de filme da sessão da tarde
serei feliz no meu silêncio
e, nos seus silêncios, seremos felizes
assim que o poema terminar
assim que o poema terminar,
na minha mente, sem escrever,
acordaremos:
nenhuma histérica, afeminado ou ansioso
foi machucado durante a escrita desse poema

*Fernando Impagliazzo*

• • • • • • • • • •

## Sobre memória e esquecimento no pós Bahia-Minas

Dos tantos de linhas que ligavam
as duas províncias, o Km zero,
ponto de início e fim,
estava na ponta da areia.

Da desativação, os ferros nos mangues
e acusadas marcas de prosperidade
em altos pés-direitos.
Nas fachadas, óleos e azulejos.
Nos cinemas, luzes apagadas.

Da costa, de extração depois turismo,
e hoje só de passagem,
tentaram recuperar a idéia de chegada
demolindo o terminal Central e
construindo uma rodoviária no lugar.

Numa clara agonia,
que nunca foi tão importante,
plantaram uma muda de pau-brasil
pendendo seca assim também
no píer, nos vagões e nas paredes
da rodoviária de Ponta de Areia.

*Gabriel Paravidini*

• • • • • • • •

## Autoconvencimento

Não pense, siga em frente.
A vida é sempre em frente.
Pare de pensar – enfrente!

Sua vida é guerra, escolha lutar.
Se pensar um pouco, desistirá.
Pois você não gosta de guerrear.

Mas a vida o exige.
Se não consegue não pensar, ao menos finja.
Siga adiante, pensar não adianta.
Faça qualquer coisa, mas faça.
Lute porque dizem que vale a pena.

Você conhece o amor, invoque a sua força.
Quando o amor acabar, siga mesmo assim:
Um dia também isso terá fim.

Se sua alma está longe, que fique.
Você não precisa dela pra viver.
Quiçá um dia ela volte, e com ela a vontade.
Aí, não que o sofrimento acabe:
Mas não sofrerá desalmado.
Sofrer sem alma, eis o pecado.

*Guilherme Sant'Anna*

• • • • • • • • • •

## Eu-Verbo

Eu deveria ser intransitivo,
firme e completo
de forma que qualquer verbo
em seus inúmeros objetos
me vissem irresistível.

Ser completo de sentidos
de sentidos completos,
ser conjugado em tempos inúmeros,
em inúmeras orações subordinadas.
E insubordinadas.

Deveria ser por mim mesmo
aquele por si só.
Sem métrica, sem contar sílabas.
In-tran-si-ti-
Deveria ser verbo, como no princípio.

Nem direto, nem indireto
ser pronome do caso reto:
Eu.
Conjugado no presente:
Sou.

Não deveria eu
ser aquilo que não sou,
não deveria me conjugar
em pretéritos imperfeitos
em futuros simples...

Sou eu irregular,
intransitivo,
mais que perfeito!

Sou o núcleo do meu sujeito,
sujeito da minha oração
e por isso jamais subordinado.
Sou sim, tudo que eu mesmo preciso.
Sujeito, Verbo, Predicado.

E sigo rimando e rimado
comigo mesmo,
me fiz e refiz em versos
dos mais inversos reversos:
Eu sou poesia!

*Giuliano M. Abbagliato*

• • • • • • • • • • •

## AZUL

Um dia tentei expressar meu gosto azul,
pasmei.
Parei num trem das cores,
toda cor estava ali.
E o azul de alguma memória,
se fez canção.
Toda cor estava ali
seguindo o trem, majestosa.
Então plagiei tua canção.
Teus versos perfeitos, inigualáveis,
fiz o azul celestial sem tradução
pra te seguir turquesa.
Tu que encanta o amor suave azul.
Tu, Caê, que quando canta encanta
faz mais doce o gosto azul anis

*Ivanete França*

• • • • • • •

Estão nos queimando.
Tornaram pó nosso sonho
que aos poucos se construía em um ninho.
Tornaram cinzas dez futuros.

Estão nos sufocando.
Tiraram o ar de um dos nossos inocentes
com direito a plateia,
asfixiaram mais uma história.

Estão nos atirando.
Oitenta vezes sem pudor e com naturalidade
a qualquer custo,
ainda estão nos atirando.

Estão nos chicoteando.
Sedentos pela nossa dor,
como se a dor do descaso e da fome
não bastasse.

Estão novamente nos atirando.
Uma vida de oito anos passa despercebida.
Menos uma vida,
que pouco viveu.

Ainda estão nos maltratando
e não há quem sinta nossa dor.
Ainda estão nos apagando
e não há quem nos ouça.
Ainda estão nos exterminando
e não há quem queira nos salvar.

Estão nos matando.
Pois nossa vida de nada vale.
A cada vinte e três minutos é menos um.
Amanhã que Deus me guarde.

*Jenifer Resende*

• • • • • • •

## Mar azul

Pelo mar do teu olhar, vejo a cor azul
através das tuas ondas sinto o toque
no horizonte nossas cores
misturando-se
camuflando-se
agora espalhados na areia
bate o sol
vem a brisa oscular
vamos mais uma vez recordar
entre nós não há veto
somos corpos que nascem no mar
refazem no ar
refletidos no céu
sobre o mar azul do teu olhar

*Joyce Nascimento*

• • • • • • • •

## Elixir

Acesa, luz suave ilumina
Os cantos mais profundos do mar.
Beleza, manhã florida plena
De espinhos dentre os grãos de areia.

Inalcançável porta do horizonte
Enfeitiçando-me até que perca os sentidos:
O som das ondas é lembrança serena,
O dom das águas é cantar:
Não aprendi como discernir
O que não sei do que não pude expressar.

É azul e infinito.
Escondo-me lá
Distante do que prende meus pés no chão,
mais seguro do que toda uma vida em terra firme.
Lá, visualizo a mudança do mundo
Tão rápido quanto a calmaria que sinto, e junto -
Desaparece na palma da mão.

Se a mim tivesse sido ensinada a diferença
Entre a injustiça do mar congelante
e a paixão de mergulhar
Não teria me afogado diversas vezes
Antes de descobrir que sabia nadar.
Mas também não entenderia a bondade
Dos pulmões que resistem a mais um ataque
Como quem enxerga vida onde os espelhos
ressignificam a verdade.

As minhas bandeiras brancas
Por ti, arremessei ao vento
E as ondas que me sufocaram
agora cobrem, lençol
Noites e dias à deriva, sem dores para recordar
De novo, de novo e de novo...
Até que pude ver sol.
Sou sua, Iemanjá –
Filha do mar!
(E o sangue ardente corre lento...)

*Júlia Miranda*

• • • • • • •

## Sacolejo do homem apadrinho em veleidade

O brasão paterno me escorre
A mais seca farinha do apreço
Nos dedinhos: o toque

Maracá sacode expeço
O retoque em Aleixo
Da cabaça endiabrada

O pecúlio se chama Padre
Que apadrinha na dança
do desejo, salve o zelo

Pois mantém o divino e o homem
Um só corpo encabeçado
Equilíbrio do cuidado e do desejo

*Lays Magda*

• • • • • •

Síntese de indeterminação
Atos inconclusos
Rompe o nome

Momento ínfimo do toque
Difícil ser
Nós, dentro dessa existência singular, frágil
Rompe, corrompe
Macio delírio de escárnio
Você nunca existiu
Só nos momentos de revisitação na epopeia do conforto
Rendo-me.

Acalanto?

Jogos de luz entrecortam presente e passado
Há um facho delimitante:
O ar respirável
O ansiar de pensamentos

Ventania

Eriça os pelos da pele
Ou qualquer outra palavra que remeta ebulição
ou sentido
Encantos enquadrados em mosaicos pelo acostamento
Sirenes de emergência
Sufocam-me em medida da imprevisibilidade
Subjetiva plêiades neurais

Sigo a dentro afora
Estrangeira de mim
É

*Lorena Ribeiro*

• • • • • • •

## Introspecções(1):

Dói…
Ver-te entrar e não falar nada,
Olhar para ti e sumir.
Sumir tão profundamente em mim mesmo
Que me torno invisível.

Possivelmente nunca esquecerei
As palpitações que você me causou,
Meus repentinos surtos de paixão,
A ponto de ter que escrever algo

Minha loucura é,
Mesmo sabendo que nada acontecerá,
Cultivar no fundo do meu ser
Uma atração que,
Mesmo física,
Vai doer

*Marcelo Henrique O.Sousa*

• • • • • • • • • • • • •

## PAPUM

Papum, papum
A criança corre,
A pipa avoa,
A mãe acende a vela.
Papum, papum
O jovem apanha,
A mulher é revistada,
O comércio fecha as portas.

Papum, papum
O pai não pode voltar pra casa,
As crianças não têm aula,
O helicóptero faz barulho.

O sangue escorre,
A raiva seca,
A família chora.

Mochila nas costas,
Sorrisos nos rostos.
"Olha a promoção das frutas".

Praça movimentada,
Amigos reunidos,
Lua cheia.

Papum, papum
A mãe tenta socorrer seus filhos,
As crianças choram,
A polícia traz vendas nos olhos.

Papum, papum
Os muros carregam as marcas do julgamento,
A carne negra sangra mais uma vez,
Papum!

*Maria Maria Castro*

## 29 de setembro

Vida na comunidade
Zona norte Zona sul
Meio dia Meia noite
Chega os caras de fuzil
Fuzil é brinquedo na mão de comédia
Mas se tiver nos de cá por proteção ou armação
Pena de morte
Já deu vai ter confronto
Corre geral para casa
Se joga no chão
Em casa se abriga no banheiro no corredor
Passou o Caveirão
Tá marcado
Qual pai e mãe vai chorar
Quem vai sangrar com a coroa de espinho
Vai tá pregada a mão com a sua cruz
E o vazio
Na vida inteira
Marcos Vinicius de fuzil
Com o uniforme azul e branco
Agatha de tutu
Mas também tem uniforme azul e branco
Maria Eduarda é bala dentro do prédio azul e branco
Bora chegar mais os descartáveis
Agora é nós por nós

*Mel Cardoso*

## Poesia viva

Não quero te explicar, Drummond.
Ou o que faço com a mão.
Nem quero te reler, Hilda.
Ou recontar a minha vida.
Tampouco imitar Cecilia.
ou recriar a poesia.
Desejo tão somente,
amar como Garrett,
me desnudar em aquarela
recitando Florbela.
Meu corpo um livro aberto
com versos de Gilberto.
Sonhar sem desengano
cantando Caetano.
Bem me quer,
mal me quer,
Baudelaire.

*Nicole Ayres*

## Primeira vista

Te vendo dormir,
meu doce sonho azul,
me questiono
sobre como tenho você ao meu lado.
Te vendo dormir,
meu doce sonho azul,
reparo suas bochechas,
suas covinhas.
Reparo tu remexendo-se na cama,
reparo tu sorrir envolta,
no badalar de sonhos bons.
E nesse ritmo, me derreto de paixão.
Meu doce sonho azul,
de corpo de algodão,
dos encantos de Afrodite,
dona do meu amor e coração.
Entendo agora, meu doce sonho
que seu azul
coloriu não só minha vida.
Como também, minha cama
nesta noite seguida pela manhã.

*Niellem Rodrigues*

## Nublado

E olhou para o céu
Orquestrava-se um imenso dilúvio
Sentiu-se apertado
Trovejou no firmamento
Dentro de si era saraiva fria

Gritou aos futuros pingos
Por clemência! Por abundância!
Queria senti-los na frígida pele
Ainda vivo, ainda são?
Ventou-se, arrepiou-se

Num estrondo vigoroso
Que prenunciava o vindouro cair
Estava seco e ermo
Por dentro já chovia
Por dentro ocorria uma tsunami

Finalmente caiu
Podia sentir-se ser lavado
Cada gota traria fôlego
Cada chuvisco será esperança
Cada pingo é vida

*Pedro Vaz*

• • • • •

## Um copo de corpo

Eu me bebi
E você também vai
Vai beber cada gota de sangue
Que meu coração bombeou
Que meu prazer jorrou
Que minha mãe gritou
Que a vida sangrou
Eu bebi da vida na sua mais pura
Púrpura pecaminosa
Humana vitória fluida
Leve e pesado meu corpo flutua
E sofre e torce e pragueja e some
Eu só comigo nos abraçando
Você só vai ter isso quando me permitir
Te beber e me beba
E se torne um só corpo
Estrelas formando galáxias
Eu durmo feliz pois você não sabe,
Mas está aqui e dorme bem
Meu bem

*Polly Ribeiro*

• • • • • •

## teu nome

teu umbigo,
a marca do teu braço,
tuas pintas,
teus traumas
eu tenho

tua pena,
tua vida pequena, que encena aquele rio.
morro, do alto de tudo faz que parte.
faz de conta que tudo é infância
e não haverá fim...

eu te amo
que digo que amo, mas se tens amo não tem vôo.

não tem como
se passam-se os anos
e tudo é vazio.

como vaso que por um acaso se enche de vinho,
o milagre é feito no ato de ser qualquer um.

se os seus dedos hão de tocar, eu não sei, mas já toquei;
se as meninas vão se debulhar, cada lágrima já derramei;
se está tudo fora do lugar, eu que desarrumei;

que é pra ver se aprende
não sou nada além do que nada e nada serei;

a não ser aquele que é rato, aquele que é rei;
se já fui aquele no mato que eu mesmo matei;
não há nada a ser feito na terra, a não ser o que não se fez;

se a questão é saber-se,
então, na verdade eu não sei;

teu umbigo,
a marca do teu braço,
tuas pintas,
teus traumas eu tenho
e sempre terei

*Raphael Charles*

• • • • • • •

## Sopro

E num sopro tudo se esvai...
Sem tempo de arrumar as gavetas, pagar as contas, fazer as pazes, gritar de felicidade.

E num sopro restou a saudade...
De sentir o cheiro de terra molhada, ver um lindo pôr do sol, beijar uma última vez,
agradecer com sinceridade, ajudar um irmão ou dizer "eu te amo".

E num sopro tudo se foi...
E sem se dar conta, perdeu tudo que não tinha e levou nada que havia juntado. Guardou em suas memórias somente os sorrisos e a raridade em que aconteceram.

E num sopro, o vazio...
E sabendo que o final do filme poderia chegar a qualquer momento... desdenhou do roteiro. Abriu mão do verdadeiro para viver numa prisão.
Infelizmente, nesse jogo da vida não houve prorrogação, e tudo aquilo que ainda achou que ia viver...
Num sopro…

*Renato Rivello Amaral*

• • • • • • • • • •

império
Nos leva cemitério
homicídio coletivo inquérito
Posição Mérito
NAÇÃO
Razão Emoção
Ruptura Fusão
Loucura Paixão
Domínios CorAção
Céu Azul, Meu Amor
Renasça Flor
Ah, Quer Saber!
Ler
Poesia
Anestesia
intolerância
ignorância
Azul Rios Bandeira
Verde queima
asneira
Renascer, Flor Teima.

*Roberto Maloper*

• • • • • • • •

## O argonauta

Quando te pronuncio, não digo o teu nome. Teu nome de pedra. Me atenho a te soletrar descalço. Conversávamos sobre o poema que escrevia. Prontamente, fitávamos olhares no pretexto de observar as filiações do horizonte azul. O que eram as suas descrições senão os litígios de seu corpo helênico? Delimitava com o olhar o seu rosto, procurando decifrar-te, mas permanecia imóvel. A pronúncia que entoava era o equivalente aos castelos de areia encobertas pelas ondas do mar. Se sentia confortável por estar ali, naquela varanda. Devo isso a altura em que estávamos, pois lhe fazia próxima do testemunho das gaivotas. Era o mais fronteiriço do que se poderia nomear por penhasco. Havia dores que ela não me confessava. O refluxo das marés lhe fazia chorar, mas preferia disfarçar para dizer era o suor do vento que lhe escoava pela sua face. Enquanto lhe ouvia, me perguntava o que deveria dizer. Nunca soube responder onde terminava os seus cabelos dourados e onde começava o sol que queimava minhas costas. Mas antes de qualquer prenúncio meu, alguém lhe chama e a sua presença se esvai. Ela sempre parecia desabitar fantasmas. O adeus se fez ausente, mas aquele abraço dado encobriu meu torso. Movia-se apressada, a passos largos, como quem buscava inaugurar a memória com um gesto. O próximo passo era sedimentar-se nas nuvens. É bem verdade que não sabia voar, mas a sua imaginação desenhava suas ilusões. Impermeável, no alto do abismo, o silêncio antecedia o próprio declínio. Afundou-se em si caindo do céu. Afogou-se no oceano, mas sem antes transformar-se em uma lágrima escorrida que eu poderia selar com meus lábios. Jaz aqui uma metáfora escavada e escrita em um verso de mar esverdeado. Basta. A insurgência de seus devaneios já são marcas de um fardo que carrego. Da recordação dessa ausência termino citando Álvaro de Campos: "Todo cais é uma saudade de pedra."

*Samuel Praciano*

• • • • • • • •

## Tirania

Eu não sei de onde vem
aquela certeza que corrói
e que dita em mim.
Que o mundo é só um sopro
e que a verdade não passa
de um capricho risível.

Eu sei que a Poesia
é presunçosa
de querer rebater os rabiscos da vida,
de querer gritar e reinventar
tudo o que existe.

Mas então?
Fico a ver navios
que a minha mente insiste
em abandonar
e revejo sonhos que naufragaram...

A Poesia corta e flameja
que tudo há de ser sentido,
tudo há de ser visto.
Mas a minha Alma,
a minha vontade,
cadê?

A Poesia é tirana
de tirar de mim a leitura
de um mundo que deveria ser só meu.

Ela governa horrores
e distribui flores no final.
Debocha e vive aos poucos
fazendo de mim
um mero fantoche
de sorriso vidrado
e interior de palha.

*Thaís Parméra*

• • • • • • •

O mar é só bocejos
maravisonhoso em suas marés
o mar chama o mar
chama fria onde queimam azuis[1]
O mar tem muitas bocas para alimentar
as gargantas abissais das baleias e ainda
as ondas gigantes que se alimentam
de *big riders* e navios
Tudo é fundo quando mal se dá pé no mundo

Quem fala através de nossas bocas se a voz
é o sexto sentido?
A baleia me traz o silêncio
necessário para eu escute
quem respira junto comigo

*Vinícius Varela*

• • • • • • •

[1] iêêêê Iemanjá / iêêêê Iemanjá/ rainha das ondas sereia do mar /rainha das ondas sereia do mar /como é lindo o canto de Iemanjá /sempre faz o pescador chorar / quem escuta a mãe d'água cantar / vai com ela pro fundo do mar /vai com ela pro fundo do mar – Ponto de umbanda

## Na canção

Hoje acordei e resolvi tirar você do sonho
Para colocar na canção, pois só em dizer
Ao mundo que és a mais linda, suponho
Não ser o que realmente faz alguém viver

É melhor fazer algo tão belo e mais sublime
Que tê-la apenas no pensamento em vão
Como um idealizador depois vai e suprime
Mas tê-la verdadeiramente além do coração

É nessa melodia que transformo tão bem
Tudo aquilo que é necessário e preciso
Deixando me guiar pela voz que *donde* vem

Do lugar, que de tão perto nem se perceba
O amor que está no sentimento escondido
Mas que ao entrar na canção você aconteça!

*Wagner Azevedo Pereira*

## Granéis de azul

Prédios e céu
Pensamentos em elos como anéis
Nuvens funcionam de véu
Enquanto Deus brinca com pincéis

Escritos de papel
Descanso de praças ou hotéis
Cidadãos do mundo em painel
Gritos de vida e decibéis

Torções de balbúrdia criam o réu
Estatutos de fé, os fiéis
Competição e troféu
São armadilhas cruéis

Tão doce quanto o mel
A vaidade dos títulos em carretéis
Educação no amargo do fel
O azul de canudos em granéis

*Wallace Araújo de Oliveira*

## Humanizar é permitir que o singular se efetiva

Eu vivo num mundo que é,
mas ele não tem sido agradável.
Vejam só os corpos descartados
em nome do nosso Trabalho.
Como pôde o Homem sonhar
com a universalização
deste nosso estado execrável,
no qual o outro desaparece
num regime totalitário.
O nosso sujeito não age
com finalidades humanas.
Por isso, parece tão frágil
no Homem ter ainda esperança.
Mas devemos lidar com o fato
de que as aparências enganam.
Eu vivo num mundo que é,
e ele não tem sido agradável.
Por isso, insisto em criticar
aquele nosso sujeito abstrato,
para que o Homem possa lembrar
da sua potência de ser ato.

*Yael Carvalho Torres*

# Traduções

## Heranças

I
Pertenço
a este pedaço de terra.
Reconheço como meus
o ar
que foi da minha infância,
as histórias dos meus pais
jovens e eternos,
quando sua vista se levantou
destes vales
onde bebe o desejo.

II
Eu sou aquela na fotografia,
de pé,
entre o medo e o deslumbramento
Eu fui fiel a sua memória
no que os seus olhos lembram
daquele céu,
ao lombo
dos cavalos reluzentes.
Mas volta a lembrança
daquela ocasião que quis
subtrair-me,
e não encontrei lugar que me resguardasse
dos meus despóticos fantasmas coloniais.
Assim me afundo nessa putrefação cálida,
Enquanto as mãos que não são de ninguém me arrancam do corpo.

*Yolanda Patin em 'País'. Tradução de Jéssica Pessoa*

## Adeus, Guiné, adeus!

Fui cantando solitária
uma canção de amor e esquecimento,
as marcas dos meus pés
deixei na areia,
que as ondas apagaram pouco a pouco.

A última vez que viveria,
solidão, distância,
a última vez que sentiria
os lençóis molhados.
Sinto essa terra,
a pisei descalça,
a tive nas minhas mãos
deixando – me sua marca.

Lutei, venci,
acreditei, perdi
chorei por nada,
encharcando – me a chuva
minha pele e minhas sandálias.
Vivi a selva
dos cheiros penetrantes,
fui um cipó vivo,
contemplei admirada
a imagem da ceiba,
senti a força
de quem ama a distância.

Sonhei, sofri
absorveu – me a nostalgia.
Sorri ao dia,
fui companheira
das tarefas vazias.

A noite foi meu amante,
eu amor que nunca esquece.

*Raquel Ilonbé em 'Ceiba'. Tradução de Jéssica Pessoa*

## O espinho

Eu não o quero dos campos
as árvores nem as videiras
nem a multidão colorida
de suas belíssimas plantas;

Mas um espinho florido
que tem , Emilio , entre as sarças ,
é a inveja dos meus olhos
a cobiça da minha alma.

Veste o seu tronco de raízes
de verdes folhas viçosas.
E entre seus braços triunfantes
flores como espumas ascendentes.

Mais ansiosa que a abelha
é seu perfume embriagada
vago errante , sem alento
em torno de suas grinaldas

Mas, tendo em vão os braços
Que antes que chegue a alcançá – las
as perfurantes espinhas
de seus caules me arranharem.

Foge a flor das minhas mãos;
cresce do meu peito a ânsia;
a flor fica no espinho
e no espinho minhas lágrimas.

*Carolina Coronado em 'El Espino'. Tradução de Jéssica Pessoa*

## Sozinho nunca mais

O silêncio ronda os pátios sem deixar papéis escritos, aquilo que depois chamaremos *obra*. O silêncio lê cartas sentado em uma varanda. Pássaros como a rouquidão, como mulher de voz grave. Não peço toda a solidão do amor nem a paz do amor nem os espelhos. O silêncio esplende nos corredores vazios, nos rádios que já ninguém escuta. O silêncio é o amor assim como a tua voz rouca é um pássaro. E não existe obra que justifique a lentidão dos movimentos e a ternura. Escrevi "uma garota desconhecida", vi um rádio e vi uma garota sentada em uma cadeira e um trem. A garota estava amarrada e o trem em movimento. Desdobramento de asas. Tudo é desdobramento de asas e silêncio, assim é na garota gorda que não se atreve a entrar na piscina como no corcundinha. A mão dela desligou o rádio… "Fui testemunha de numerosos casais, o silêncio constrói uma espécie de vitória para dois, vidros embaçados e nomes escritos com o dedo"… "Talvez datas e não nomes"… "No inverno"… Cena de policias entrando em um prédio cinzento, som de balas, rádios ligados no máximo. Fade to black. A ternura e sua capa de silêncio prateada. E já não peço toda a solidão do mundo. Eles disparam. Frases como "perdi até o humor", "tantas noites sozinho", etc., me devolvem o sentido do desdobramento. Não há nada escrito. O estrangeiro, imóvel, supõe que isso é a morte. O corcundinha treme na piscina. Encontrei uma ponte na floresta. Relâmpagos de olhos azuis e cabelos loiros… "Pelo menos por um tempo, sozinho nunca mais.

*Roberto Bolaño em 'A Universidade Desconhecida'.*
*Tradução de Vinicius Varela*

## A Ruiva

I
Minha ideia da perdedora que a garota conheça a morte
perna para fora dos lençóis como seu Chile tocado pela lua

Caminho hasteado de conhecimento a porta se abre
e o sujeito sorri como um imbecil sua cueca avultada pela lua

Como Deus conhece os perdedores ela reconheceu
a chegada da morte o momento Chile seu instante de
solidão

Sua ruiva sua solidariedade um Chile debaixo da carícia lunar
um momento puro o encontro da nudez e sua solidão

Corpo jogado sobre os lençóis minha ideia da perdedora:
por entre as nádegas corre um fio de sêmen como luz própria

Sua ruiva grita em tempos verbais passados e ela goza
através da ideia dedo que toca a estalactite em seu cu

Poética por ascenção ruiva por ascenção um delta visual
que compõe seu Chile ereto tocado pela lua que a suspende

Enquanto goza grita se estremece ideia fixa outra vez indizível
como um corpo enrabado que engendra a transpiração como véu

As mãos tiram sua cueca e aparece Chile seu horror
seu grito branco como a cueca tocada pela lua

Vira seus olhos azuis e oferece os quadris um fio de sêmen
como luz alvorada doentia que cobre a listra rosada e o olho marrom

Do cu o olho escuro coberto de porra como a alvorada sua razão
tocada pela porra como fita faixa linha que ainda grita

Seus próprios tempos verbais caóticos para compor a figura
De sua ruiva enrabada que goza até a estalactite

II
Ideia fixa outra vez indizível o fio espesso é uma luz própria

Seu Chile seu arco íris imóvel como pulmão de tempos verbais
escuros

Tocada pela lua seu gozo sua sujeição de um eixo ondulante

O momento Chile o momento ereto da sua ruiva e da sua
solidão

Caminho hasteado sua ideia acolhe a perdedora através de um eixo
ondulante

Ruiva por ascenção as costas os quadris arranhados sujeitos à
solidão

Como um alambrado a ideia horizontal permitiu um eixo
ondulante

Tocada pela lua seu momento Chile que a penetra como um
pulmão

Reconhecendo a fuga imóvel que diz toque qualquer
lugar ensanguentado

*Roberto Bolaño em 'A Universidade Desconhecida'.*
*Tradução de Vinicius Varela*

## A vitória

Nem o desterro será um lugar seguro
Você repensou as possibilidades e agora
Está no vazio esperando um golpe de sorte

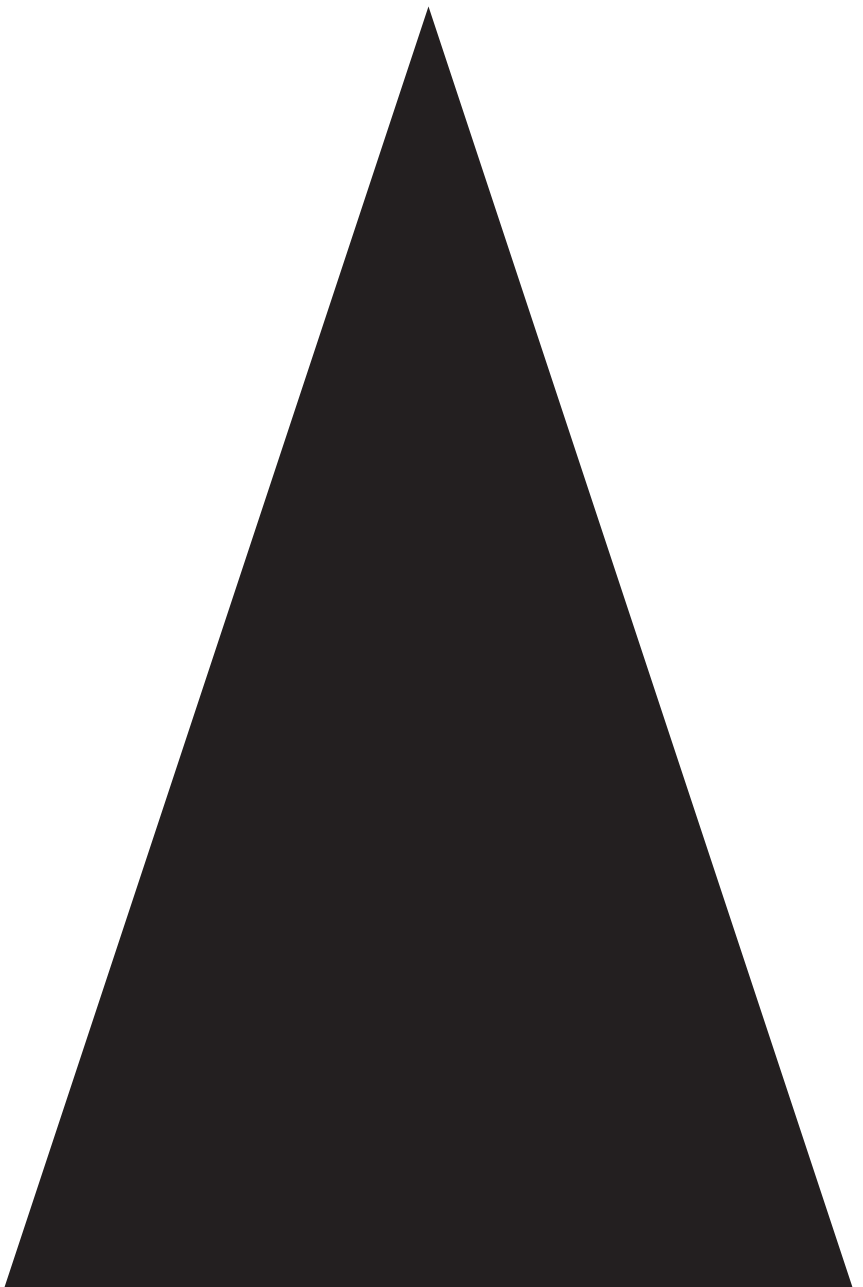
Dolce stil nuevo da frialdade, assim
Teu corpo real não chegará a parte alguma
Mas tua sombra endurecida talvez fuja

Agora tuas possibilidades se chamam nenhuma
Pois você já não se gaba de ter conhecido o perigo
Sequer um golpe de sorte acenderia esta lâmpada

Você está no segredo da poesia
E nem o desterro será um lugar seguro
Nem as palavras nem a aventura

Por trás da tua promessa se esconde a Promessa
Um menino voltará a percorrer as guerras
No reflexo de tua frialdade imaginária

Bem-amado até pelo perigo, chegou
Teu instante de vazio absoluto olhe bem ali
Entre as árvores tua sombra ergue um cadáver

*Roberto Bolaño em 'A Universidade Desconhecida'.*
*Tradução de Vinicius Varela*

## Correspondência

A folha única, precisa e limpa com uma inscrição à mostra: "Linhas retas para os teus passos e concomitantemente tornas para os teus sorrisos.". O envelope estava semi-aberto, porém íntegro e com selo recente. Ana estranhou a presença da correspondência sem identificação de remetente em sua caixa de correios. Como estava atrasada, a carta rapidamente teve o mesmo destino dos boletos bancários costumeiros: o canto da cômoda.

A manhã era recém aberta, feito broto de flor trivial e costumeira. O dia transcorreu normalmente e nela o estranhamento causado pela correspondência logo se desfez ainda no início do agitado período de trabalho. No fim do dia, ao chegar a casa, a moça organizou-se para dormir. Ana tomou um banho demorado, até ter a sensação de que o cansaço e o cheiro dos papéis empoeirados do escritório de administração em que trabalhava tivessem descido pelo ralo junto com o espesso sabonete.

Ana era alta e tinha longos e volumosos cabelos que escovava muito bem antes de dormir. Somente assim, sentada na cama espaçosa e clara, escovando os cabelos antes de separar as roupas, acessórios e materiais que usaria no dia seguinte, ela lembrou-se do envelope e de imediato foi buscá-lo, pensando em, o quanto antes possível, entregá-lo ao destinatário, já que não reconheceu o nome do remetente.

A carta curta e escrita com letras caprichosas fora enviada por Gabriel Duarte, e, como a moça não tinha entre os familiares e os raros amigos ninguém com esse nome, cogitou um engano dos correios. A mensagem certamente pertencia a um de seus poucos vizinhos próximos. Enviou algumas mensagens telefônicas, e, esperando que o destinatário se manifestasse, recostou-se calmamente com a folha única, organizada e precisa entre os dedos:

"Espero que esta ao chegar a encontre bem, como eu me encontrava no momento em que a escrevi a você. Só lamento estar distante e não poder neste momento te dar um abraço. Sei que não foi fácil passar pelas perdas por que você passou, mas continue resiliente. Você é dotada de força e sabedoria; não esqueça isso. Fosse possível, levaria suas preocupações em meus ombros para aliviar os seus. Preocupa-me inclusive a sua saúde também. Veja se não vai entregar-se como eu. Você tem a vida inteira. O mundo inteiro é seu, e, com paciência ele chegará até você. Vou contar que os sorrisos são construídos... é um aprendizado diário direcionar bem nossas emoções. Sabia que o que é enfatizado aumenta e se reveste de grandeza? Então, olhe uma segunda vez e foque somente o que precisa aumentar. Diminua tudo aquilo que sufoca para que a sua respiração possa fluir e um novo fôlego possa chegar. Estas linhas tortas são a curva de meu sorriso chegando até você e uma brincadeira para fazê-la sorrir também."

Ana sentiu instantaneamente o seu coração aquecer. Era uma brisa suave retirando delicadamente de si a poeira de sua rotina e solidão. Uma mão apertando as suas e um suspiro desconhecido e solidário para alguém que já não tinha ninguém com quem contar e que viu tantas pessoas chegarem e partirem.

As mãos brancas e suaves fecharam a carta enquanto os olhos claros e úmidos de Ana ergueram-se em direção a janela. A lua nova sorria-lhe cobrindo-lhe de prata da mais clara e fina. No celular, todas as respostas dos conhecidos às suas mensagens eram semelhantes. Ninguém conhecia o remetente. Ela apropriou-se das linhas e sorriu junto com a lua. Alguém no céu leu suas entrelinhas. A correspondência foi guardada cuidadosamente dentro de seu antigo diário.O ar já era límpido. O sono a cobriu como uma colcha de retalhos costurada com fragmentos de banalidades, lágrimas e esperança.

*Charlene França*

• • • • • • •

## Deserto em folha

Mais uma vez sentei em minha mesa. O relógio batia 11 da noite. A hora em que todos encerram suas atividades, estava ligado. Em algum lugar do mundo alguém poderia estar na mesma situação que a minha. Difícil. Desde quando um autor consagrado teria dificuldade de preencher uma folha de papel? Era apenas uma crônica. Uma das mais que 500 que já entreguei a editoria do jornal. Qual seria a dificuldade? As olheiras sempre me acompanharam. Os prazos, muitas das vezes, o principal motivo delas. Nos auge dos trinta anos de redação, o benefício de não estar lá é revigorante. Ou era? Não sei mais. De lá, já retirei várias histórias dos constantes cafés que tomávamos para nos mantermos acordados nos plantões intermináveis. Nessa divagação, já são 11 e meia... Em áureos tempos, estaria deitado, com um cigarro na mão, uma taça de bourbon na outra e entre minhas pernas uma bela profissional da Praça Paris – atos condenáveis pelo meu infante médico. De jornalismo, tenho mais anos que ele de vida. E se for falar de vida, não terminarei hoje para dar conta de tudo que já fiz e vivi. Ligo a TV. A âncora do último jornal da noite está tão animada quanto a política internacional quanto eu ao me deparar com o relógio apitando meia noite e a brancura em forma de retângulo me assombrando a fronte. Queria entender esse tom tão sombrio e funestro que tem os apresentadores do jornal de fim de dia. É tão senso comum que é uma merda precisar ligar a televisão entre a fenda que é terminar um dia e começar um outro? Vou para meu quarto. Tão branco quanto aquela folha de papel presa a minha antiga Olivetti Lettera 82. As paredes intactas, o piso só se perde de vista pelo colchão estendido sobre ele debaixo da janela. Da simplicidade daquele cômodo me afasto. Como me afastei de tudo que me tornava vazio. Volto para o quarto. Olho minha mesa vazia. Um barulho me faz sair da inércia. Vou a janela. A cidade dorme. Poucas luzes nas janelas vizinhas. Por que estão ligadas? Será também passam por uma crise no trabalho? Insônia por conta de dívidas? Aguardando o filho adolescente chegar de uma festinha? Preciso focar no meu pequeno deserto. Os temas fogem. O cansaço se torna maior. Olho a estante. Minha inspiração também não está lá. Volto a cozinha. Lá, o relógio de parede mostra três da manhã. O jornal já fechou a edição. Devo ficar para amanhã. Ou seria depois de amanhã? Que dia é hoje? Terei que ligar o computador de qualquer forma. A edição online é instantânea. Basta enviar para um "cheira-leite" que coloca no ar em poucos segundos. Vou deitar um pouco. Sem cigarro, sem bourbon, sem companhia – orgânica ou patrocinada, sem ideia, sem palavras. Só uma folha em branco. Só o reflexo do que foi minha vida. Um deserto habitado de memórias. Ou seria um mar de folhas escritas sem nenhuma mensagem. Conclusão não chegarei. Será que consigo? Amanhã é outro dia. Tentaremos tudo outra vez. Ou tudo outra vez ficará na tentativa... Quer saber, quem se importa?

*Douglas Ernesto Fernandes Gonçalves*

• • • • • • • • • • • • • • • • •

## águas

eu estava só ali sentada, esperando. às vezes paro esperando. alguma reação se formar. meus pensamentos se assentarem. sempre no meio de algum desalinho. sendo em qualquer jardim. acho até que passei toda a minha vida esperando. mas isso é outro tópico.

eu estava sentada naquela praça. esperando breno. uma mensagem dele. um passarinho pousar sobre a pedra e sentir-se morno. busco isto nas pausas: a tepidez do ar. acho até que toda a minha vida foi busca. o que chegava, contudo, eram as possibilidades do que fazer. sou ansiosa: por ordenar meus sentimentos de conta no fio de uma esteira rolante. que não cabem nos meus mandos. pensava que poderia dar um pulo na casa cavé. ou passar novamente pelo Passante e fotografá-lo. nunca o fotografei esses anos todos. observá-lo apenas estaria bom.

porém, fiquei lá, no entrelugar indigno, sabendo que breno não escreveria. nenhum breno. o correto, natural e novo seria abandonar-se. deixar-se estar. ser. contemplar. aguçar-se até ouvir o murmurejar do rio grosso que desce por detrás do muro lodoso da rotina.

molhei os dedinhos dos pés nele. acompanhei a queda de uma rachadura até o rés do chão. as mudanças de brilho do céu e de cortes do vento. e sintonizei nas quedas insuspeitas a escorrerem internamente. a rorejarem a interface vagamente estúpida composta por meus gestos vazios sob o sol.

quando ouvi uma entonação e me precipitei no mergulho. era uma voz cheia, fresca, de um rapazinho, com certeza. ele passou rente, mas só o peguei de costas, não vi o rosto. casaco preto no calor, coisa de adolescente mesmo. a pele nem branca nem negra, dessa cor brasileira. também não ouvi o que disse, pois, à primeira nota do acorde singular, meus pássaros internos revoaram tumultuosamente. foi um som pré-fala, mas já ricamente estofado do que viria a comunicar. um som extraordinariamente límpido e honesto. até então eu nunca tinha ouvido a luminosidade, nem suspeitado de que a boca humana era capaz de vertê-la. foi a única vez.

não disse que me levantei de súbito, minha bolsa virou, o conteúdo espalhou-se pela praça. um senhorzinho se pôs a juntá-lo. eu mesma estava fincada. não segui três mocinhos pela rua méxico, como uma louca. não sondei se o de casaco arfava as piores lorotas sob a algidez cristalina de seu trinado puro. nunca mais retornei para breno. nunca mais passei pela pedro lessa sem buscar o céu.

apenas me aceitei modificada, em oração, e só durou alguns minutos. depois de acolher um segredo.

*Felipe Gomes*

• • • • • •

Pressa. Olhar pro relógio, acelerar o passo, torcer pelo ônibus. Torcer pra que ele esteja lá, no ponto; para que tudo ocorra dentro da normalidade. Meu ideal de normalidade. O 415 costuma ter bastante. Zona sul para zona norte. Cansado. Dormi pouco, muito trabalho por terminar. Latido de cachorro, crianças chorando e batidas de panelas. Tem pessoas que não sabem ficar em silêncio. Sinal ainda fechado. Relógio. Há quanto tempo estou aqui? Quantos táxis. É de uma insistência visual esse azul e amarelo. Não tem um momento sequer que não se perceba a ausência de táxis – nada é mais constante.

Mais pessoas e mais pessoas sendo detidas por esse sinal. Cansado. Olho pro relógio. Celular. Relógio. Celular. As horas estão diferentes. Pra que relógio nos dias de hoje, se o celular também tem? Vejo o 415 chegando. Sinal fechado pra mim. Ele vai parar no ponto. Preciso correr. Anda logo. Isso não pode ser o mesmo que ter um time favorito. Torci pelo meu ônibus, que veio, mas o sinal verde está vermelho pra mim. Deveria ter torcido por ele. Deveria torcer por mais tempo em meus dias. Ou menos tempo para o sinal.

Suando. A mochila começa pesar. Olho para o lado e vejo mais pessoas. O sinal ainda não abriu. Meu ônibus. Torcendo pra ele ficar lá no ponto. Estou quase gritando. Não posso perder esse ônibus. Levo 47 minutos, sem trânsito, até meu serviço. Esse tempo vai aumentar e terei menos, terei menos, terei menos tempo para terminar minhas coisas no serviço. Detesto fazer serão. Deu cinco horas, quero ABRIU! Corro com pressa, faço sinal, tento gritar. Perdi o ônibus. Perdi o 415. Perdi tempo.

Muito quente. Celular. Zap. Facebook. Instagram. Horário. Zap. Instagram. Facebook. Rolo a tela, rolo a tela. Nada. Vejo sem ver. Só passando o tempo. 415. Tento acelerar sua chegada de algum modo, torcendo por ele. Cadê esse outro ônibus? Não demore, vamos! Nada me distrai como eu preciso. Preocupado demais. Aviso? Bobeira. É só um dia qualquer, de calor e tédio e pressa. Estou livre, mas impedido: impedido por esse tempo que não acontece com meu "de acordo". O calor só aumenta.

De tanto ver esses táxis, começo a torcer pelo Uber. São outras cores, além das formas e sons que cada carro em si possui – como as pessoas. Aceleração, diminuição, curvas, ré, freio forte, ponto morto. Lembrei que confundi. A empresa eh de outra cor, 415 sempre teve essa cor e não aquela – aquela é do 434/5. Carros e pessoas são iguais, mas eu sou esse ônibus, essa empresa, o Início. Eu percorro esse circuito zona norte à zona sul; trabalho-casa. Praça, viadutos, edifícios, regiões. Da janela, a imagem dilata-se e tudo como que fica borrado: não tenho olhos que compreendam a pressa em sua imediaticidade.

*Hércules da Silva Xavier*

• • • • • • • • • • • •

## Livrofobia na Civilização: um mal-estar intelectual

Era um grandioso e esfuziante protesto contra os livros. Nunca se tinha visto algo assim em nossa sociedade, acho que em sociedade alguma. Abruptamente, sabe-se lá incitadas por qual fenômeno social ou político, movidas sabe-se lá por qual sentimento de rebanho, as pessoas passaram a cultivar uma animosidade pujante em relação aos livros, um ódio animal — alguns ganiam, outros mugiam —, que lhes fazia salivar uma ignorância viscosa e transpirar uma fétida intolerância. Com estardalhaço, a curiosa turba antilivros seguia pela avenida principal da cidade de Kültür, levando cartazes excêntricos, cujos dizeres estampavam a idiossincrasia desses estranhos manifestantes: "*ler significa pensar com a cabeça alheia, em vez de pensar com a própria*", "*nada é mais prejudicial à saúde*", "*quem lê acaba perdendo a capacidade de pensar por si mesmo*", "*livros só oferecem sofrimento, o saber asfixia*", "*não queremos mais livrarias*", "*ler é um ato comunista*". Nessa multidão, havia pessoas que carregavam livros, erguendo-os e exibindo-os com certa repugnância teatralizada, usavam luvas para evitar tocar nas obras literárias e nas acadêmicas. Outras, no entanto, revelando uma natureza mais animalesca, iam além e jogavam os livros no chão, pisavam-nos, depois lançavam-nos ao ar, gargalhavam, como bestas ensandecidas, de seus atos truculentos.

Neste ritual cruento, as obras eram desfolhadas, fustigadas, palavras escorriam, perdiam-se sob os pés ferozes dos manifestantes, tal como se estivessem sangrando suas palavrinhas, perdendo sua vitalidade de papel. Milhares de pessoas maltratando milhares de livros num protesto em que os participantes eram vistos, pelo restante da sociedade, como livrófobos; porém, trata-se de uma perspectiva insidiosa, pois distorce o problema a ponto de não o identificarmos com clareza, ludibria-nos: na verdade, os livros representam apenas os mediadores concretos e tangíveis daquilo que essas pessoas realmente temem e abominam: o conhecimento. São, então, epistemofóbicos. Como estamos imersos demais no cerne do fatídico fenômeno, não o compreendemos bem ainda. O que leva as pessoas a enjeitarem o conhecimento e o saber e exaltarem, pernósticas, as suas convicções e preconceitos travestidos de opiniões subjetivas? Especulemos: talvez, a ignorância inspire uma felicidade cega e alienada, um acomodamento existencial, que o conhecimento ameaça *perigosamente* com a conscientização lúcida dos fatos da vida, seus infindáveis questionamentos e, não nos esqueçamos, com a sua aguda foice aniquiladora de idealismos.

Enfim, a turba fervorosa chegou ao seu destino: um imponente palanque situado bem no centro da principal avenida da capital de Kültür. Ofensas e impropérios contra os livros eram vociferados com mais clamor e entusiasmo agora. Uma tensão mesclada à ansiedade e à excitação tomava conta dos milhares de manifestantes: o ápice do protesto era iminente. Nas redes sociais de Kültür, parte da população que era favorável aos livros chamava esses manifestantes de "*sicários do conhecimento*", "*intelectos vagabundos*", "*depravados que se desvirtuavam com a lasciva ignorância de suas convicções*". Todavia, os epistemofóbicos ignoravam e faziam piadas da população pró-livros, sentiam-se corretos demais em suas opiniões subjetivas. As caixas de som vinculadas ao palanque emitiram alguns ruídos, a balbúrdia sustou e um murmúrio foi se alastrando pela multidão. Agora, silêncio solene entre as pessoas enquanto uma figura vetusta e murcha caminhava até o centro do palanque. Era uma senilidade e uma decrepitude que vinham de dentro para fora, como se o corpo, subjugado, espelhasse a alma pela desmesurada força negativa desta. De chofre, a multidão começou a gritar, em frenesi, "*mito!, mito!, mito!*", num coro que, a princípio, parecia atemorizante, porém, bastavam alguns segundos para que a cega idolatria se tornasse estapafúrdia e irrisória aos olhos lúcidos. Após balbuciar um discurso trôpego acerca dos efeitos deletérios dos livros, a figura senil abriu, nauseado, o livro de um filósofo insigne e leu o seguinte trecho: "*convicções são inimigas muito mais perigosas da verdade do que as mentiras*". A multidão se enervou, a figura senil igualmente, *como assim as nossas convicções ameaçam a verdade e são piores do que a mentira, se as nossas convicções são discursos que tornamos verdade? Percebam a influência corrosiva dos livros. Ah, meus admiráveis amigos, lembrem-se sempre disso, conhecereis a convicção, e a convicção vos libertará. Livros são disseminadores de verdades indesejáveis.* E a multidão gostou do que ouviu.

*Jhonatan Rodrigues*

• • • • • • • • •

## Rimbaud e Verlaine

Perguntei se leríamos o Derrida. Enquanto eu abria o livro, ele pôs a mão na minha perna esquerda.

"Vim para estudar", declinei enfaticamente.

Em tom tranquilo e despretensioso, ele murmurou um "já estamos estudando".

Tudo era estranho, não sei se pela sua idade ou por aquela mão avultando-se sobre meu jeans. "Você é meu professor", eu disse, e ele respondeu que "tudo bem, estou apenas te ensinando algumas práticas."

Pensei em pedir um Uber de volta para casa, mas eu tinha atravessado a cidade para estar ali. "Quer café?", ele perguntou, não esperando que eu respondesse. Atravessou a sala frondosa e sumiu pela porta da cozinha.

Voltou minutos depois com duas canecas.

"É uísque", constatei, e ele riu um riso irônico.

Bebeu metade do copo, "Para esquentar."

"O Derrida", insisti.

"Só se perdoa o imperdoável, pois o perdoável já está perdoado", ele citou, voltando as mãos à minha perna. "Você falou que queria conhecer minhas inspirações. Estou te mostrando."

Afirmei, entre o categórico e o evasivo, que não me sentia confortável para fazer aquilo, e ele disse que tudo bem, podíamos parar.

"Ao Derrida, então", e abriu a orelha do livro com pouco interesse. "*Jacques Derrida foi um filósofo franco-magrebino, que iniciou durante os anos 1960 a Desconstrução em filosofia…*"

Ele parou de ler, me olhando. À luz do sol que entrava pela janela, seus cabelos vertiam-se em tons cada vez mais claros. Estávamos afastados, agora, mas ainda era possível sentir o calor que emanava de seu corpo.

"*Um destino indelével pesa sobre a sedução*", interrompi seu raciocínio citando Baudrillard. "Continua."

Ele leu mais um trecho do livro.

"A leitura, não. Continua!"

Suas mãos voltaram para onde estavam, desta vez com o dobro de ambição. Desabotoou a calça, abriu o zíper. Recuou.

"Continua", repeti, e ele apalpou meu sexo delicadamente, como quem escolhe palavra por palavra para a construção de uma poesia.

Sabia o que estava fazendo, afinal. Deixou o Derrida de lado, citou Jakobson e Rosenfeld. Enquanto declamava Barthes, se pôs de joelhos diante de mim.

"Você é jovem", murmurou. "Bem mais que eu."

Éramos só nós dois. Eu havia estranhado aquele convite para uma visita de orientação em sua casa. *"Será mais confortável"*, ele dissera. *"Poderemos beber alguma coisinha."*

"Você não é tão mais velho", senti-o tocar os versos, lamber estrofes inteiras de uma só vez. "Poesia é erotismo", havia dito alguém; acho que o Octavio Paz.

Em seguida, ele declamou aquele trecho de Lolita, o que não fazia sentido; escrevera dúzias artigos contra Nabokov. Corroía-se ante a literatura russa.

"Você me tira do sério, é isso", confessou.

Éramos só nós dois. O uísque já na metade, a batida das ondas do mar de Copacabana, Elza Soares berrando baixinho no vinil.

"Precisamos parar", usei as mãos para repelir seu corpo. "Não é certo."

"Quem disse?"

"Professor e aluno, patrão e empregado. É uma lei estabelecida sem palavras."

"Toda lei que oprime um discurso está insuficientemente fundamentada", era Barthes, em sua busca obstinada ao estereótipo. De novo.

Ele tentou uma vez mais. Tocando palavras, lambendo versos um a um. Tinha ritmo, e seu ritmo me trazia uma agitação implacável.

"O que seremos depois disso?", perguntei.

"Artistas. Seremos artistas!"

Ele me levou para o quarto. "Está calor. Por que não tira os sapatos?"

Tirei minha camisa, depois a dele. Seu corpo era liso, largo pelos anos na equipe de remo da universidade.

Ele, cada vez mais excitado, passou a língua pelo meu corpo. "Poesia concreta", disse, e riu da própria falta de graça. Eu, já não mais fingindo que me importava, deixei-o recitar Pessoa e Drummond, Vargas Llosa e Hilst.

Terminou com Bukowski.

"Não sei se podemos repetir isso", ele disse, ainda em meio a uma confusão úmida de peles e lençóis. "Pode trazer problemas para mim."

Vesti a roupa com rapidez.

"Toda recusa duma linguagem é uma morte", eu também sabia citar Barthes.

Bati a porta e nunca mais voltei a Copacabana.

*Kaio Rodriges*

• • • • • •

## Desroupando-se

A hora é da aurora. Não compreendi bem o céu rosa... Deslocava-se Jehnyffer na falsa direção do sol, que nunca alcança. Há dois dias andava. O caminho não era seco. Não sei por que a imagem é sempre sobre o trilho... Ou o áspero solo nordestino. Mas não. O destino, a saída da subida. Bem no Rio de Janeiro. Jehnyffer não subia, nem ascendia, tampouco saía. Não tinha troca. As roupas se desfaziam com os dias. Jehnyffer preta. Só pra lembrar. No escuro da noite, por sorte, ninguém a via. De dia, na sombra se escondia. Deslocou-se então no sentido da aurora.

Num passe, estava seminua. No lento passo, seguia a rua. Não tinha troca. Sem respostas, foi-se embora. Quando o céu foi tomado pela cortina de prédios e postes, o rosa se cobriu do amarelo quente do ambiente incandescente. Urbano e desumano. Jehnyffer não tinha panos. Nem planos. Nem pão. Encontrou na praça a desgraça. Seu corpo, uma graça. Quase de graça. Corpo de praça. Dois reais! Às vezes, vinte...

Houve vez que a noite se fez tão fria. O que lhe acontecia: uma espécie de destecelagem. A bagagem era a coragem. Não de antes. A de agora. A insípida memória do pouco que tinha, ora vinha. O frio lhe era áspero. Ao transeunte, lhe era cego, surdo...

Na ocasião, Jehnyffer quis agasalho. Em frangalhos, sem sapatos, fuçou os trapos d'uma fétida lixeira. O que achou em tantos farrapos? Algo vermelho e macio. Tecido! Era novo e vermelho e vívido! O coração batia acelerado pelo momento inesperado. Cobriu-se de vermelho e seguiu vagando.

Mas, se no ímpeto da rota não desviasse a vista para a esquerda, não enxergaria jamais o que o instante lhe denunciou: uma menina seminua, numa situação mais crua do que a sua. Sob a lua. Jehnyffer mirou o céu e, na aurora, subitamente arrancou de si o pedaço de pano e cobriu a irmã. Seguiu na ilusória direção ao céu prediado, na rota incerta da vida.

Desroupando-se, sumiu no horizonte urbano enegrecido. Destecido. Distópico. Ilógico. E para sempre o vermelho roupou-lhe o íntimo. Para sempre...

*Kátia Surreal*

• • • • • •

## O azul marinho do mar e o azul escuro do céu

O encontro do mar com o céu sempre foi uma coisa que me fascinou, não sei muito bem o porquê. O imensurável desses dois gigantes é algo que ninguém nunca irá conseguir compreender por completo. Isso incomoda muita gente, não à mim. Mesmo tendo um pouco mais de seis anos me sinto muito completo ao observar o céu tocar o mar.

Os adultos que me conhecem se surpreendem comigo, não sou a criança mais tagarela de todas, mas eles sempre se espantam com o que tenho pra falar, principalmente quando comento de alguma coisa que me aconteceu. Um dia na praia com amigos de mamãe e papai, estava catando conchinhas na beira do mar quando comentei com eles algo que minha vó um dia me contou. Ela costumava dizer que para cada uma daquelas conchinhas espalhadas pela areia existia uma pessoa que havia perdido a vida no mar. Vovó morreu antes do meu primeiro aniversário. Todos ficaram surpresos, minha família nunca havia comentado comigo sobre os devaneios da vovó. Sinto saudades dela, saudades das pessoas que passaram pelo encontro entre o céu e o mar e que nem cheguei a conhecer. O cabelo da vovó era tão branco que parecia até o prateado do luar na escuridão, a noite escura tinha a mesma cor da pele da vovó e era bem parecida com a cor da minha pele.

As estrelas do céu me trazem outra lembrança. Eu devia ter uns dois anos, estávamos viajando em família e papai disse que viu o céu mais estrelado de sua vida. Papai só acredita que lembro disso porque só eu e ele sabíamos da lágrima que escorreu por seu rosto. Acho que ele chorava porque um dia me disseram que a minha vovó está lá no céu olhando por nós.

As pessoas não entendem como posso descrever os detalhes mais detalhados das coisas que aconteceram comigo até agora. Não é que eu tenha uma memória maior do que as outras crianças, nem que eu tenha uma inteligência acima da média. As vezes sou muito desmemoriado, ontem esqueci de tomar banho. Mas tem coisas que não tem como não lembrar. Só lembro das coisas que me tocam, assim como o céu toca o mar. Lembro do meu primeiro riso, do meu primeiro grito, do primeiro toque de minha boca nos seios de minha mãe. Acho que os adultos esquecem das coisas porque eles tem medo de tocar as coisas e de serem tocados por elas.

Os adultos da escola que já me conhecem nem se surpreendem mais, eu que ajudo eles a encontrar as roupas, os brinquedos e os materiais perdidos da escola. Mais de um educador já me pediu ajuda para escrever umas coisas num caderno. Eles nunca lembram quais brincadeiras fizemos na semana passada. A escola é um dos melhores lugares para recordar as poucas memórias que consegui colecionar até aqui. Lembro do formato de todas as nuvens que ficávamos observando no céu em dias de Sol. De barriga pro alto no quintal da escola, eu e meus amigos víamos os formatos abstratos no céu se movimentarem como coelhos, besouros, ratos, galinhas e outros animais. Tudo no mesmo branco das nuvens que recheiam o céu. Que pena que as outras crianças esquecem dessas coisas todas. Lembro que o guache da cor do azul do céu, misturado com o amarelo do Sol, vira o verde das árvores. Sempre gostei de misturar as coisas.

O verde das árvores que cercam a nossa escola parecem ficar ainda mais verdes banhadas pelo sol. Me disseram uma vez que as frutas nascem das árvores como nós nascemos de nossas mães. Se assustaram com a minha reação quando disse que tinha medo de alguém jogar uma marimba em mim e me separar da minha família.

Lembro do dia em que senti uma sensação muito diferente, até hoje não sei muito bem o que era. Um dia desses uma amiga me chamou para se esconder atrás do casarão da escola, chegando lá, do nada ela me deu um beijo na boca. Me senti estranho, meio que flutuando, como se as borboletas de seu vestido nos fizessem levitar. Já beijei outras crianças, até uns meninos, mas por algum motivo esse beijo foi diferente. Talvez porque ela tem a pele da mesma cor que a minha, não sei. Só sei que essa sensação nunca irei esquecer.

O conforto do descanso em minha casa depois de um longo dia de diversões deve ser um dos motivos que nunca esqueço nada. É nesse momento que deito no colo de papai e mamãe para contar todas as coisas que vivi num dia. É nessa hora que devem achar que falo demais, pena que os amigos deles não estão lá pra ver. Mamãe e papai falam que eu devia ser um escritor, de tantas histórias que conto pra eles. Mas acho que não sirvo pra isso, sou muito tímido. Prefiro relembrar na minha cabeça todas as minhas memórias para embalar meu sono antes de dormir. Fecho meus olhos e imagino a lua encontrando o azul marinho do mar e o azul escuro do céu.

*Marco Aurélio*

• • • • • • •

## O pôr do sol no quarto dela

*Para Thassia*

Quando ela nasceu, o sol amanheceu branco como a parede de seu quarto de bebê. Ela interpretou o branco como ausência de tinta, como metáfora para a sua personalidade recém-nascida e vazia. Coloriu-se por dentro. Havia tinta na parede e ela não sabia. Ela já nasceu ela mesma e até hoje não acredita.

Os pais não tinham dinheiro para pintar o quarto de outra cor, o berço ficava ao lado da cama. A menina cresceu sem notar a falta de dinheiro escrita nas paredes, mas notou o quanto era próxima dos pais.

Cresceu um pouco. Adorou a cor rosa. Nasceu a irmã. A casa diminuiu, o espaço diminuiu, o branco aumentou, o amor... quadriplicou.

O apartamento virou casa. Uma sala, uma cozinha, um quarto, um banheiro, muito amor. Esbarrávamos sempre, tínhamo-nos sempre e para sempre. A parede descascou. Os pratos tinham cores sortidas. Mas nenhum era rosa.

As irmãs cresceram e a casa cresceu junto. Era cinza, feita de poeira. Dois quartos, duas salas, uma cozinha, três banheiros e muito espaço.

Pintou-se o quarto de rosa. A irmã não gostou. Fechava os olhos como se fossem cortinas para não ver aquela cor. O quarto grande se encheu de brinquedos, de tabuleiros e animais de pelúcia. Tinha tanto amor que até cabia mais.

A irmã mais nova cresceu. Aprendeu a falar, abria agora a cortina dos seus olhos e a porta da boca para falar da parede rosa. A outra gostava. Era a cor pela qual ela enxergava o mundo. Era cor da qual ela se coloriu quando nasceu da parede branca.

Mas ela tinha uma irmã. E a irmã parecia ter nascido de uma parte dela. Ela gostava de azul. A outra não admitia um azul que não fosse o céu e não queria dormir sob outro teto senão esse. Não havia jeito, o mundo lá fora não era rosa ou azul. Tinha tantas cores, então qual escolher?

Pegaram a paleta de cores. A poeira da casa diminuiu, o aperto também. O cinza tamb....

Qual cor escolher? "Eu quero a cor que está dentro de você. Você é meu arco-íris", ela disse. "Arco-íris são raros", respondeu, "e não, nunca têm potes de ouro no fim". "Você é a minha vida", contestou. "A vida não precisa ter todas as cores", falou. "Você é a primeira coisa que eu vejo quando acordo", riu. "Então eu sou seu sol", pensou. Pintaram o quarto de amarelo.

A casa queimou com as cores fortes: amarelo, vermelho, laranja. Era tanta vida, era tão cheia, era tão perfeit....

As irmãs cresceram, nunca houve lua. Era sempre o amanhecer naquele quarto. Já era a cor do ouro mesmo sem o arco-íris e o pote que não existe. Nunca precisamos abrir as janelas ou afastar as cortinas, nós éramos sol.

A casa foi crescendo, sendo pintada constantemente. Não se podia mais ver o cinza. A casa cresceu. A família diminuiu, os ursos de pelúcia também.

A casa ficou muito grande. E o sol foi nos cegando. A casa ficou muito quente.

A irmã mais nova teve que ir. A lua aconteceu. A distância apareceu. A saudade enegreceu.

Era só lua. Fria lua. Sempre luta. Sempre tua.

Dava para ver outras camadas debaixo do amarelo. Dava para ver a parede se desfazendo.

Pintou-se de roxo. A cor que fica o coração quando tem alguém apertando. Quando tem saudade sufocando. Roxo, a cor que fica quando alguém te bate, a cor de quando a saudade bate.

Roxo, igual àquele momento entre o dia e o pôr do sol. Aquele *entremomento*. Aquele nada. Aquele tudo. Ela era tudo e a cor da parede nada.

*Thayane Gaspar*

• • • • • • •

## Abra aqui

Um pacote de biscoito. Uma fábrica de 7 km², 1.300 funcionários, auxiliares de produção, supervisores, compradores, vendedores, analistas, gestores e diretores. Sociedade anônima, grupos supranacionais, ações na bolsa, cada ato da empresa se equaciona em uma fração de centavo no mercado financeiro internacional.

Corrente de produção, métodos e processos, manutenção, marketing, logística, marketing, pesquisa. Toneladas de óleo vegetal, açúcar refinado, farinha branca, cacau beneficiado, aromatizantes, saborizadores, embalagens e caixas. A matéria-prima passa por um misturador 24 horas, não para, a luz não apaga, a mistura gira, os pés andam, as bocas comunicam, os braços movem.

Um extrusor molda cada biscoito no formato adequado para o consumo humano, redondo com 7 cm de diâmetro. 8.000 unidades passam por um forno-esteira de 10 m em uma temperatura de 300 Cº por hora. Apesar dos cálculos, a cada 20.000 unidades, uma sai cozida demais ou de menos. A homogeneização dos ingredientes foi perfeita, a temperatura do forno não se alterou, o erro é um grito do espírito sobre a matéria.

Um segundo extrusor coloca o recheio, a mistura era densa demais e causava panes na máquina. Pesquisa, grupo focal de estudo com *super tasters*, grupo focal com o público em geral. Uma nova fórmula é desenvolvida. Mais óleo, mistura de recheio mais fluída, menos pane, menos custo, mais lucro. O pesquisado experimenta, aprova, a língua e a boca se adéquam à produção.

A legislação impõe, nova fórmula requer aviso na embalagem, marketing, "mais barato e menos pane"? Não, "muito mais cremoso e gostoso! Nova receita!", entendeu? Não é escolha técnica, é qualidade subjetiva pensando em você, exclamação! Novidade é bom! Excitante! "Olha só querida, é uma mudança!", não é fórmula, agora é receita, o robô faz fórmula mas no pacote é receita porque são biscoitos da vovó. Família, afeto, a máquina é sua avó.

Tudo pronto, caixas e mais caixas são carregadas, a embalagem engana, mas aquele caminhoneiro não parece nada com a vovó. Milhares de unidades são despejadas na gôndola, marketing, tudo estratrategicamente posicionado pensando no consumidor e depois no concorrente, "fez o *sell-in* agora garante o *sell-out*". Marketing, propaganda na TV e encartes do preço promocional, é mais um grito do espírito. Quantidade e preço não garantem, é preciso controlar a experiência subjetiva do cliente, *customer-driven design.*

Pego o pacote, ergonomicamente pensado para caber na mão de todas as idades e tamanhos. Vejo escrito "abra aqui", o cidadão sabe ler, mas uma linha vermelha serve de sinal aos párias, reitera através de símbolos o "abra aqui". Não preciso de palavras, eu sei onde abrir o pacote de biscoitos da vovó, comi a vida inteira. Ao abrir, o vácuo sai da embalagem, o processo de degradação começa, a natureza se impõe e eu sei que devo comer em dois dias ou ficará murcho, eu sei e a embalagem avisa. Coloco na boca, endorfina, memórias da infância, sento no sofá, o afeto é verdadeiro, mas a causa é sintética, sinto uma calma, a máquina é minha vó.

*Thiago Cardial*

• • • • • • •

## Nada de sonhos

Quando eu era pequena, gostava de deitar no banco traseiro do carro e assistir as gotas de água escorrendo pelo vidro num dia chuvoso. Gostava de imaginar que era uma competição: o ganhador seria a gota que sumisse primeiro da janela. Acho que, na verdade, toda criança vivenciou essa passagem. É sempre uma memória deliciosa. Lembrar dos meus pais nos bancos da frente, e eu lá, sem preocupação nenhuma. Só me importava se a chuva iria continuar.

Também tenho a lembrança de tentar fazer penteados nos cabelos extremamente lisos de minha mãe. E parecia ser o pior mistério do universo! De tão lisos que eram, mal suportavam um mísero rabo-de-cavalo. Posso jurar que tentei de várias maneiras arrumá-los... Mas essa parte da arte não era, e nem é, do meu domínio.

Outro feito de que me lembro perfeitamente foi o singelo e aventureiro dia no qual decorei, pela primeira vez, a combinação telefônica do meu pai. Foi mágico! Afinal, como pode um aparelho eletrônico conectar duas pessoas por uma junção de números aleatórios?

Infelizmente, gotas de chuva, cabelos lisos e numerologia, são simples exemplos de que o mundo não para diante dos sonhos de uma criança. Nota-se que, ao longo dos anos, os rabos de cavalo cessaram, o telefone foi para a discagem rápida e a chuva, bem, a chuva continuou sendo a chuva; mas era algo comum. Não havia o que observar em água escorrendo. Ali começava a mudança, a vida de adulto se anunciava. E, junto dela, a imaginação se dissipava. Ser adulto tinha regras. Aquele novo mundo deu partida ao aceitar que crescer era inevitável. Sendo o menor dos males, aumentar alguns centímetros... Mas, sim, diminuir de humanidade.

Eles, adultos, podem de tudo, perder certos atributos não faria mal, certo?! Abandonar a ingenuidade e alguns sorrisos não seria cruel, nem colocar no armário o sonho de ser princesa ou lutador de dragões. Ser adulto era saber as leis da vida, eu pensava. Bastava somente uma maleta de couro e um fabuloso *scarpin* para a transformação total. Quem não aspiraria? Eu queria. Por isso, há alguns anos, não entendia o porquê de o *Peter Pan* não querer crescer. Ser criança era terrível e parecia não ter fim. Por que viver nesse mundo de criança onde tudo é segredo? Ser adulto era superior. Eram misteriosos, demonstravam ter desvendado todos os mistérios do universo; eram ocupados e sem tempo para brincadeiras. E se não podiam brincar deveria ser porque faziam algo melhor. E o que poderia ser melhor do que se deliciar na própria imaginação? Mas a criança é apenas uma vírgula na imensa construção gramatical que é a mística vida dos adultos.

Imagino o quanto pensar nas contas do mês que vem pode ser doloroso. Aliás, como se declara o Imposto de Renda? Quem pagou o dentista? O que é IPTU? Desemprego? É tão simples. Parece ser perfeito: os problemas se resolvem com dinheiro. Os adultos não enfrentam dragões que cospem fogo, nem maçãs envenenadas. Para eles as abóboras não mentem, continuam sendo abóboras depois da meia noite, e nada de carruagens! Nunca os escutei citar algum lobo mau, sinal de que nossas avós estão a salvo! E sabe aquele beijo de amor verdadeiro que cura as piores maldições? Esqueça... Pode dormir, porque, para eles, não existe. Os adultos reduzem tudo! Nem os fabulosos sapatinhos de cristal escaparam, foram substituídos por couro e borracha. Veja só o cúmulo: uma jiboia que jantou um elefante transformou-se num simplório chapéu!

O mundo dos adultos é fácil, o universo para eles não tem mistérios. Por isso, já os almejei. Todavia, outros fatos me

contestaram. Para eles, a felicidade se resume em conta bancária cheia. Sonhar vale pouco já que não te leva a lugar nenhum. Falam de ser alguém na vida todo dia e toda hora. E quem eles são? Somente outro número de Registro Geral. Trabalham para comer e comem para trabalhar. Nunca esboçam um sorriso. Deve ser realmente complicado, eles não podem sonhar! Precisam trabalhar. Estão sempre ocupados, correndo zangados com os celulares esmagando-lhes as orelhas. Eles não acreditam em contos de fadas. E talvez seja a resposta por se vestirem bastante de preto – estão de luto, pois perderam a capacidade de vislumbrar o mundo colorido como é.

Ser adulto não quer dizer que os mistérios do universo foram resolvidos. Ser adulto muitas vezes é continuar criança, só que por trás de uma película de estresse e elixir de café. Eles, coitados, estão perdidos. O caso deles é ainda mais especial, porque também se perdem em meio a tantas faturas de cartão de crédito e boletos mensais... Os sonhos ficam para depois até serem esquecidos, porque comprar material escolar custa caro, e o aluguel aumenta este mês.

Inegavelmente, agora entendo e concordo com o *Peter*... Também não desejaria crescer se não pudesse sonhar. Escolheria as sereias, os piratas, a magia, as fadas... Mesmo que tudo fosse só ao fechar dos meus olhos.

*Fernanda Luis*

• • • • • • •

## Verde, azul, vermelho e preto.

Não estou falando de uma paleta de cores. Estou falando da Amazônia, da água, do fogo e da cor que ficou o céu de São Paulo às 15h no dia 19 de agosto. Como isso tudo se interliga? Pega um café e me acompanha.

Vamos começar pelo verde, a Amazônia. Voltamos a nos preocupar com ela quando o atual presidente da república foi eleito. Já era esperado que o desmatamento da Amazônia fosse intensificado, pois o presidente acredita que "O Brasil não suporta ter mais de 50% do território demarcado por terras indígenas. Juntamente com áreas de proteção ambiental e com os parques nacionais, essas reservas todas atrapalham o desenvolvimento." – disse Jair Bolsonaro em entrevista à Rede Amazônica, quando ainda era apenas ~~uma ameaça~~ um candidato à presidência da república. Preocupante essa opinião, não? Quando o INPE divulgou um aumento de 40% nas taxas de desmatamento da Amazônia, o governo contestou e o diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Ricardo Galvão, foi demitido. Em julho de 2019 (também conhecido como o ano que estamos), houve um crescimento de 278% nas taxas de desmatamento em relação ao mesmo mês do ano passado.

O azul, que chamamos metaforicamente de água, é afetado quando o verde não vai bem. Uma árvore que tem uma copa com aproximadamente 20 metros de diâmetro, transpira mais de mil litros d'água por dia. Na Amazônia, são cinco milhões e meio de $km^2$ ocupados por florestas nativas, com cerca de quatrocentos bilhões de árvores. Ou seja, a floresta amazônica coloca 20 bilhões de litros de água na atmosfera TODOS OS DIAS. Os ventos são encarregados naturais de levarem toda essa água para TODO NOSSO CONTINENTE, os famosos rios flutuantes ou voadores. Pode-se concluir também que o desmatamento descontrolado vai afetar não só o Brasil como também outros países e o resto do planeta. Quando se vive em comunidade, nenhum problema é exclusivamente seu. O desmatamento da Amazônia não afeta só a Amazônia em si ou o Brasil, afeta o mundo inteiro. O rio flutuante que nasce na região amazônica, também cumpre outras funções. Há um relacionamento entre o rio voador e a temperatura da água dos oceanos. A temperatura da água dos oceanos se relaciona com a formação de furacões.

Em agosto, o vermelho do fogo no verde da Amazônia foi tão forte que deixou o céu de São Paulo preto quando ainda era tarde. As árvores da Amazônia são grandes armazéns de carbono. Uma árvore grande da floresta amazônica pode conter cerca de três a quatro toneladas de carbono. E uma árvore desse porte sendo queimada, joga todo esse carbono para a atmosfera terrestre. Isso dá no quê? Aceleração de mudanças climáticas!

É difícil ser positivo diante de um cenário onde parte da sociedade está doente e a nossa natureza também. Saudáveis são as pessoas que sabem que isso não é certo, que é preciso tomar alguma atitude e que até tentaram prevenir que a maior praga fosse instalada na presidência da república, mas não deu certo. Os maiores remédios para combater esse mal são a união e a força. É preciso nos unirmos para lutar e jamais desistirmos. Os sintomas são fortes, só que podemos ser mais fortes ainda. Como qualquer doença, é necessário força de vontade para querer melhorar e não se deixar levar pelas dores e sentimentos ruins.

Um dia isso tudo vai passar. Precisamos recorrer ao verde da esperança, ao azul do céu que queremos ver de manhã até o pôr do sol, ao vermelho do ~~comunismo~~ amor ao próximo e ao preto do respeito. Não ao preto do luto, não!

*Flávia de Holanda*

• • • • • • • •

## Eu tentei lhe dizer

Sua face silenciosa me encarando de volta no escuro quando eu fecho os meus olhos. Você é o gole de café que paira no ar feito uma crise existencial ainda não declarada. Aquela suspensão de juízo, a pausa que eu faço ao longo do dia para colocar a vida em ordem. Não vá embora assim, eu sinto vontade de dizer enquanto você se distancia de mim. Eu poderia olhar para sempre. Sorver cada segundo e passo que você dá para longe, e eu fico a ver navios. É mesmo dessa maneira, talvez você olhasse com descrença, sem entender como isso pode ser possível.

No meio da minha paixão cega, eu poderia arrancar meus próprios olhos para você enxergar a si mesmo com mais clareza. Com as belezas que eu percebo em ti. Mas tudo é como nuvem de fumaça encobrindo minha sensação, me perco nos meus sentimentos. A insegurança me encara na próxima esquina e me faz perceber que eu nunca tive nada. Todos os meus amores foram mentais, tudo que eu amei, amei sozinha. Penso na tua sombra que se alonga diante de mim, a memória dos teus braços e do teu jeito de ser. Tudo invenção minha. Teatro de marionetes, eu sou a minha própria fantoche. Meu enredo confuso cria e se ressignifica.

Mas você aparece de novo todo feito de realidade e meu roteiro imaginado é rasgado ao meio, e eu tenho que me virar no improviso. Completamente desarmada, ainda não me ensinaram a jogar o jogo da realidade. Você parece saído de um sonho meu, com a vantagem incrível de ser real. Eu confesso, eu nunca neguei. Sempre esteve dito. Talvez você não estivesse prestando atenção, mas estava lá. O tempo todo. Queria que os intervalos se estendessem, que as tardes de não fazer nada fossem sempre um desses silêncios conjuntos em que a gente pode descansar quem nós somos. O peso de existir nesse mundo que é belamente horrível.

Meu sorriso. Eu me sinto sorrindo o tempo inteiro. Até o motorista do Uber sabia. Ele me disse, pelo sorriso que eu

havia expressado, que tinha entendido tudo. Me disse para aproveitar, pois passava rápido e depois a vida nos engolia. Foi o que ele disse, que o tempo toma a nossa vida e rouba a nossa paixão. O sorriso idiota. Eu nem reparei, tão natural e espontâneo que foi o gesto. Meu corpo me trai. Ergo meus olhos e lá está você, o rapaz esperando ali no portão. Digo para o motorista do Uber que é ali mesmo que eu vou descer. Esse e todos os outros momentos aconteceram e passaram, e sim. Eu vou mesmo me lembrar de tudo.

*Maria Clara Santos*

## Modo aleatório

A professora de literatura disse que havia um método para construir narrativas – um método dadaísta, eu acho, não prestei bem atenção, ou prestei tanta atenção no que ela dizia, que acabei me esquecendo, porque é isso que acontece quando tomamos ciência de que aquela informação que estão nos passando é extremamente valiosa, então, engolimos todas as vírgulas, engasgamos parecequeevamosmorrersocorroquesensaçãoéessa, mas passa. Finalmente a aula acaba. E a informação se parte, cansada, assim como voltamos para casa, colocando as ideias para descansar junto ao corpo.

Ela disse que costumavam sortear palavras aleatórias para construir histórias. Disse o nome de quem inventou isso, mas, obviamente, não anotei. Também deu um exemplo e pensei, por um segundo, que foi ela quem inventou essa história de colocar um bando de palavras soltas numa sacola e tirar três ou quatro ao acaso e, a partir deste sorteio, criar uma narrativa perfeita. Quero tentá-la, mas estou longe das sacolas e me dá nos nervos essa coisa de cortar papéis e fazer uma espécie de amigo-oculto comigo mesma – então, prefiro me sortear. Saiu a minha vida, vejam só, e eu não sou de me meter em sacolas. A minha tão aleatória e fascinante vida.

O primeiro momento que penso: eu, no último julho que vivi, na janela de um apartamento que não era meu, mas onde estava dormindo há semanas. O frio me obrigava a calçar dois pares de meias. Todos ao meu redor estavam nervosos, tristes, ansiosos. Não sabíamos como seria o amanhã. Eu sabia: seria triste, como todos os outros. Julho foi um mês inacreditável de tão triste.

Imagino-me naquela janela. Havia uma enorme árvore em frente, um campo de futebol, um porco que caminhava pela rua de madrugada buscando comida enquanto revirava os baldes de lixo e um enlouquecedor silêncio. Eu respirava o ar puro de quem tinha a certeza de morte – logo, ela viria. E mudaria muitas vidas. Eu queria que ela viesse e aquela árvore foi minha companheira nesses pensamentos duros demais para serem admitidos, mas é melhor assim, quando os solto, é o mesmo que economizar analgésicos. Escrever nos leva a economizar analgésicos, grife isso, caro leitor; aproveite e escreva também. A conta da farmácia sairá mais barata.

Antes de chegar àquele apartamento, pensava em morrer. Eu, que estou falando com você através destas palavras tortas, pensava em morrer. Olhava o buraco do ar condicionado de um dos cômodos da minha casa de verdade, não havia ar condicionado naquele buraco. Se eu me enfiasse ali e me soltasse na vida, meu corpo despencaria por onze andares. Destruiria um carro, provavelmente. Alarmes ecoariam pelo condomínio. A tragédia traumatizaria crianças e o porteiro de plantão. Inquieta, deixei de encarar o buraco e continuei com meus pensamentos.

Voltando à janela do apartamento que não me pertencia, confessei esta memória à árvore, em pensamento, não queria que ninguém pensasse nas minhas ideias malucas. Naquele momento, minha tia estava internada num hospital a quinze minutos daquele lugar. Estávamos naquela cidade estranha por causa dela. Ela nunca veria aquela árvore, imagino que fosse um ipê, não entendo de botânica. Ela nunca saberia que estávamos hospedados num apartamento estranho, numa cidade estranha, num mês onde quase nada acontece, só o meu aniversário e de alguns primos. Ela também nem desconfiaria que eu pensei em me jogar pelo buraco do ar condicionado.

Ela tomou o meu lugar e morreu. Espero que nunca tenha que confessar suas memórias a uma árvore. E sem me dizer nada, sem ao menos saber o que estava acontecendo, apenas no auge do seu sofrimento, ela me fez entender que vida nenhuma cabe num buraco. Que meus dias frios não seriam eternos. Que era preciso esperar o próximo dia, sim, pois mesmo imaginando o que poderia acontecer, nunca temos certeza – é como ensinar o *simple future* para os meus alunos de inglês: acaba virando uma aula de filosofia. O futuro, não só na gramática, é invenção, possibilidade, mas nunca será certeza. Talvez eu calce apenas um par de meias. Talvez calce três. Talvez eu encontre minha tia. Talvez eu me torne uma árvore.

Mas é preciso esperá-lo. A surpresa do aleatório é sempre bem vinda, mesmo sendo fúnebre, de vez em quando.

Acho que estou pronta para tentar a ideia maluca que a minha professora mencionou em sala.

*Nathalie Gonçalves*

## Sabedoria e felicidade

No ano passado meu avô completou 89 anos de idade. Na ocasião eu havia acabado de ler *Memórias de minhas putas tristes*, de García Márquez, e decidi dá-lo de presente a ele. Escrevi uma dedicatória, como de costume, dizendo que, se ele se comportasse bem durante o ano, eu arrumaria uma Delgadina como regalo pelo nonagésimo aniversário.

O livro me abalou profundamente, talvez por eu ter me identificado com a imagem do velho que, por medo e inabilidade em lidar com os próprios sentimentos, termina a vida solitário. Passei uns dias ensimesmado, refletindo, do alto dos meus trinta e poucos anos, sobre todos os amores que acabei deixando passar, e que agora estão perdidos para sempre na curva da estrada, no nebuloso mundo do "e se eu tivesse feito diferente?".

Por um minuto me questionei se esse era mesmo um mimo ideal a se dar, diante das circunstâncias. Mas meu avô não teria os mesmos questionamentos que eu, afinal ele teve uma vida repleta de mulheres, muitas histórias e viagens, muitos filhos e netos. As desventuras do Sábio Triste não teriam sobre ele o mesmo impacto que tiveram sobre mim. Eu nunca soube, a bem da verdade. Os meses se passaram, ele completou os seus 90 anos, nunca comentou sobre o presente e eu não lhe dei a prometida Delgadina.

Ontem estive com meu avô, e quase crio coragem de perguntar sobre o livro. Conversamos longamente sobre muitas coisas. Seu neto mais novo acaba de fazer 1 ano de vida, e ele me falou da vontade que tem de viver ao menos mais 10 anos, para poder ensinar ao pequeno alguma coisa da sua sabedoria – e também alguma sacanagem, ele faz questão de frisar.

O senhor Jercides é um velhinho de fazer inveja. Espero chegar aos 90 com a mesma energia que ele tem. Extrema-

mente lúcido e forte, está atento a tudo e sempre sedento por mais conhecimento. Um dos seus passatempos favoritos é estudar inglês através de aulas no Youtube. Todas as vezes que eu chego para visitá-lo, ele me recebe feliz com alguma frase em inglês.

Quando fala sobre a morte, o faz sem medo, de modo jocoso. Mas sempre manifesta o desejo de viver mais e conhecer mais. "Tanta coisa que eu gostaria ainda de aprender..." Eu pergunto a ele se existe algo de que se arrependa muito, algo que teria gostado de mudar. Ele pensa um pouco e diz:

– Rapaz, se eu pudesse voltar, teria tido menos mulheres. Assim me teria sobrado mais tempo pros estudos.

– Ué, não tinha como conciliar?

– Como? Eu mentia pra primeira pra estar com a segunda, depois mentia pra segunda pra poder estar com a terceira... Haja tempo!

Soltou uma sonora gargalhada. A resposta me causa surpresa, vinda de um homem de vasta cultura, professor de Português, Inglês, autodidata em Matemática, com uma vida plena de saberes e amores. Um verdadeiro "sábio feliz".

Eu argumento que, se ele tivesse estudado mais, aprendido mais, hoje a resposta dele à minha pergunta provavelmente seria: "Gostaria de ter tido mais mulheres". "É possível", ele é obrigado a concordar.

No fim, sempre teremos algo de que nos arrepender, algo que gostaríamos de ter feito melhor. Eu me despedi do meu avô com a alma ainda meio melancólica. Pensar nesses assuntos não me faz muito bem. De sábio não tenho quase nada, de triste tenho um pouco, às vezes. Já na rua, sozinho no frio da noite, eu cantarolo baixinho: "E eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza. E deixemos de coisa, cuidemos da vida. Pois senão chega a morte ou coisa parecida e nos arrasta moço sem ter visto a vida".

*Ronaldo Dória Jr*

• • • • • • • •

## 3° ATO – *LITERATOS* ENTREVISTA

Davi Pessoa é professor de Literatura Italiana na UERJ e tradutor

**1 – Atualmente, enfrentamos um grande conflito – nas esferas federal, estadual e municipal – contra uma política de enfraquecimento das universidades públicas. Uma perseguição contra o magistério, de um modo geral, e contra tudo o que é produzido e desenvolvido em pesquisas, mais precisamente, na área de Humanas. Ao seu ver, de que modo o Instituto de Letras da UERJ precisa enfrentar esse conflito?**

A tônica não recai apenas no Instituto de Letras, mas em todos os campos que confrontam um modelo específico de modo-de-vida, que não responde necessariamente aos ditames econômicos atuais. As Humanas, assim, buscam outras formas de vida, nas quais a ênfase não recai no utilitarismo e nas finalidades já dadas por um *a priori*. Outro ponto que me parece fundamental é tentar escapar do sujeito impessoal "A Universidade", e do categórico de necessidade, por exemplo, as universidades "devem" fazer isso ou aquilo, visto que as universidades são compostas por sujeitos e estes, por sua vez, são movidos por desejos. Então, o desejo, a paixão no lugar da obrigação. Nesse sentido, cada um de nós é uma peça singular dentro do movimento de enfrentamento diante de tantos e tantos dispositivos de poder, os quais, cada vez mais, montam estratégias de ataques a fim de destruir a força daqueles que se insurgem contra poderes totalitários e intolerantes. Como podemos destruir a destruição em curso?

Durante uma linda e comovente conversa entre o crítico George Steiner e o escritor António Lobo Antunes, o primeiro manifesta tristeza por sua geração não ter deixado esperanças aos jovens. Pergunto-me: será que ele não deixou em alguns de seus estudantes? Tendemos muito facilmente às generalizações, e tocar alguém não se dá em singularidade? Steiner diz que seus "melhores alunos não vão para a política. A política tornou-se o refúgio dos medíocres", o que, em certo sentido, é uma verdade. Mas não é uma verdade absoluta. Prefiro acreditar que ainda há estudantes que atuam politicamente, não apenas no sentido institucional. Prefiro acreditar que movem o mundo movendo-se, em favor da vida, e não de uma política da morte. Tenho visto isso ao longo dos últimos anos como professor. E se eles não estão presentes no circo da política institucional é porque decidem também atuar através de outros meios, é porque a batalha é sempre pelo outro, pelo devir outro, e não por essa individualidade autonômica, empreendedora de si para si mesma, que tem massacrado a existência de muitos jovens e que tem dominado grande parte do quadro político mundial. Assim, a relação entre professores, funcionários e estudantes pode *desejar* a efetivação de uma comunidade forte, na qual cada singularidade não é ensimesmada, mas atua sempre em relação à outra singularidade, respeitando as diferenças e sabendo tirar dos conflitos possibilidades vitais, mesmo diante do impossível. A história nos ensina que a "democracia está sempre onde ela falta", como destacou certa vez o crítico Raúl Antelo, ou seja, aqueles que prezam pela liberdade estarão sempre lutando pela democracia. E cada um de nós, reitero, tem um papel fundamental dentro dessa paisagem, na qual nos inserimos não apenas para contemplá-la, mas para ser um sujeito capaz de transformá-la diante de toda pretensão de destruição.

Clarice Lispector escreveu no dia 27 de maio de 1968, no "Jornal do Brasil", que a "saudade é um pouco como fome.

Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida". Leio esse fragmento tão profundo e não posso não pensar na situação em que nos encontramos em nosso país, em nossa recente e ameaçada democracia, que é como a saudade – tal como a fome – só passa quando se come a presença, e, no entanto, seguimos famintos. Essa parece ser a grande tarefa que o geógrafo Josué de Castro ressaltava em seu estudo *Geografia da fome*, de 1946, e que será tão importante para os desdobramentos de Milton Santos.

O conflito é essencial, textos teatrais, por exemplo, nos mostram isso, Bertold Brecht e Augusto Boal o sabiam perfeitamente. Portanto, importante agir contra a efetivação da mortificação presente sem cair em suas armadilhas, tão habituais nesse momento, as famosas *apatias* (sem "pathos", ou seja, sem paixão). Não estamos liquidados e fadados ao pretérito perfeito. A literatura, em sua teia imensa composta por tantos outros campos do saber, pode nos ajudar a dar força à imaginação política. Assim, a tônica recai no "pathos", na paixão posta em prática por cada sujeito que compõe o Instituto de Letras da UERJ.

**2 – A Literatura e a Poesia nacionais contemporânea estão aptas a encarar todas essas questões que moldam o nosso cenário político atual?**

Difícil responder essa questão, pois o cenário é muito vasto. No entanto, nos últimos anos tenho acompanhado, na medida do possível, a realização de muitas escritoras e escritores. Percebo que hoje há uma certa ansiedade por parte de muitos para que sejam publicados, lidos, inseridos em certos contextos. Todos os dias temos conhecimento de muitos textos, muitos dos quais publicados por pequenas e médias editoras, que têm tido um papel singular. Por vezes, creio que essa ânsia produz leituras e escrituras que dialogam pouco com uma imensa produção literária e crítica não só de nossas culturas múltiplas aqui no Brasil, mas também com o que é feito na América Latina. Penso que artistas são aqueles que não apenas preenchem o espaço de certa tradição, mas que a confrontam, relendo-a a contrapelo, para que forças heterogêneas entre em campo, com o intuito de embaralhar novamente as cartas e redistribuí-las dentro de espaços de leitura e de conflito. O gesto, portanto, não busca o produto, mas o processo, que é, sem dúvida, um campo de batalha. Preocupa-me quando leio numa matéria de jornal, por exemplo, que jovens andam com manuscritos debaixo do braço, em feiras literárias, e que desejam a todo custo que sejam lidos e publicados por editoras já "consagradas". Não vejo nesse ato nenhum gesto criativo e muito menos político (no sentido mais amplo do termo), mas muito mais algo que recai na lógica de mercado. Acompanho com mais interesse e alegria o trabalho daqueles que dedicam horas de estudo no processo de escritura, que buscam muito mais o gesto de ruptura do que a aceitação imediata no campo literário. Leio com muito interesse os livros de escritores e escritoras que dialogam com questões decoloniais, indígenas, pois têm dado uma ótima contribuição para relermos textos já consagrados a partir de outras perspectivas, visto que há sempre algo que nos escapa. A leitura, assim, é sempre um desafio, não se pode abrir mão dela caso se tenha o desejo de tornar-se uma escritor, um escritor. Pinóquio aprendeu a ler com muito sacrifício, mas não se tornou leitor. Desde quando educação requer sacrifício? A expressão latina, tão propagada pela escolástica, "per ardua ad astra" (pelas dificuldades alcançamos as estrelas) ainda se faz muito presente no modelo de ensino em nosso país. E acredito que ao contrário do sacrífico devamos buscar a paixão. Nabokov dizia a seus alunos que ler Kafka, tornar-se leitor de Kafka, requer uma grande dose de imaginação, ver em Gregor Samsa um escaravelho alado, que o próprio Samsa não consegue vislumbrar, pois no universo de Kafka a soleira é lugar de transição mas também de aprisionamento – aprender a ler e não se tornar leitor é um dramático enclausuramento. E isso nada tem a ver com autonomia! Aliás, a literatura parece nos apontar que a leitura é contra a ideia de uma lei promulgada por si mesma, visto que ler é sempre "ler-com", ler com o mais próximo, mas também ler com o mais distante, a isso que o filósofo Giorgio Agamben chama de "contemporâneo". Desse modo, toda literatura que se diz contemporânea é também intempestiva, intempestivo é aquele que não concorda com o "espírito do seu tempo". Alberto Manguel, grande estudioso da leitura, não por acaso põe em choque Pinóquio – o que se submete à lei do pai – e o Chapeleiro Maluco, o qual tenta desativá-la. Aquele que melhor transgride a lei é o que melhor a conhece. Por isso, a literatura contemporânea é aquela que não rechaça, caso deseje provocar rupturas, a tradição. Felizmente há alguns artistas que não deixam de perceber tal questão.

**3 – Atualmente, você está traduzindo um romance de Pasolini, um artista multifacetado, complexo, politicamente ativo e controverso, cuja vida atravessou o avanço do fascismo. Uma questão que o moldou e que hoje, infelizmente, ressurge como a grande preocupação da nossa geração. Na sua opinião, como a voz de Pasolini pode ajudar a pensarmos o mundo atual?**

Sim, estou traduzindo *Petróleo* para a Editora 34, texto inacabado de Pasolini, visto que estava escrevendo quando foi brutalmente assassinado em 1975. É um projeto no qual reúne muitos outros projetos realizados ao longo de sua vida. Os projetos para Pasolini jamais se tornavam finalizados, mas em constante processo e transformação. Pasolini confrontava constantemente todo e qualquer tipo de poder, buscava desfazer as fronteiras. Aliás, a própria noção de obra está em xeque o tempo todo em seu percurso. Gosto muito de pensar sua trajetória a partir de limiares, já que é um pensador múltiplo. Pasolini põe em movimento zonas transversais, oblíquas, com o intuito de confrontar os saberes instituídos dentro de espaços limitados, ou ainda, para confrontar a famosa tríade tão importante, paradigmaticamente, a Michel Foucault: Saber, Poder, Subjetividade. Pasolini pode nos ajudar a pensar e confrontar o mundo atual a partir de sua *inatualidade*, isto é, de seu procedimento anacrônico: entrava em contato com o mais distante – o mundo arcaico presente em todas suas realizações – para traçar uma análise minuciosa daquilo que está mais próximo. Portanto, é contemporâneo, como destaquei na questão anterior, já que toma distância de seu tempo (no entanto sem jamais se apartar totalmente dele) – da obscuridade de seu tempo – para projetar alguma possibilidade de luz no presente, não apenas no dele, mas também em nosso presente. Ainda, como Pasolini escreveu no livro *A Divina Mimesis* (reescritura de alguns cantos do "Inferno", de Dante Alighieri): "Obscuridade igual a luz".

Compreendo Pasolini tal como se compreendia a noção de "figura", na Idade Média – período que, como sabemos, é fundamental para o percurso do pensamento de Pasolini, por isso o título *A Divina Mimesis*, aí também se encontra o grande filólogo Erich Auerbach (*Mimesis*, leitura importantíssima para os estudantes de Letras!). Nesse período, "figurae" não

significava a apreensão de algo, algo passível de representação ou a apreensão e representação do aspecto visível das coisas, mas muito mais a *transferência* de um sentido a outro, como impossibilidade de apreensão de certa visibilidade (por isso chamamos "figuras de linguagem", ou seja, translações de sentido). Assim, a *figura* Pasolini reúne muitas categorias heterogêneas, as quais só se tornam acessíveis a partir de um procedimento anacrônico operado por nossas leituras (a importância da leitura em relação à literatura contemporânea, como quis destacar na questão anterior).

Posso lhes oferecer como paradigma, nesse sentido, a leitura a contrapelo que Pasolini faz de *O Decameron* – ressalto a presença do artigo no título do filme de Pasolini em detrimento do livro de Boccaccio, o qual vem sem artigo – ao lado de uma reflexão trazida à tona por ele, em 1969, sobre a sobrevivência e o desaparecimento de cidades históricas no mundo contemporâneo, como é o caso do filme "Os muros de Sanaá" (1970), um curta-Manifesto direcionado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), para o reconhecimento da cidade de Sanaá como patrimônio histórico da humanidade. Pasolini conseguia perceber, no momento em que estava procurando locações para seu filme-homenagem a Boccaccio, que a população daquela cidade já sofria uma fortíssima "mutação antropológica" em decorrência da chegada do mundo capitalista. Pasolini, portanto, operava outro modo de ler a "peste", central no livro de Boccaccio, e a relança para o mundo atual, no qual há outras pestes, que obliteram, massacram e exploram tantas culturas. Por isso, a meu ver, a inatualidade de Pasolini nos é atual caso queiramos seguir os rastros que do passado chegam a todo momento em nosso presente.

**4 – Assim como Pasolini, você acredita que o papel da arte e do artista é ser provocador?**

O papel do artista, caso assim se considere, a meu ver, é ser intempestivo, o intempestivo recusa qualquer domesticação: "agir de maneira intempestiva, quer dizer, contra o tempo, e assim sobre o tempo, em favor, eu espero, de um tempo que virá", aponta Nietzsche. Portanto, a provocação recai na luta contra a domesticação do tempo cronológico, mas também do espaço enquanto circunscrito por fronteiras rígidas e intransponíveis. O artista não funda uma "História", mas lê esta a contrapelo, propõe outras "estórias". Guimarães Rosa o sabia, bem como Clarice Lispector, entre tantos outros.

**5 – Como surgiu o seu interesse pela tradução? Levando em consideração que a tradução é uma reescrita, quais são os maiores desafios no processo de verter uma obra literária para uma outra língua?**

Fiz minha graduação em Letras Português-Italiano na Universidade Federal do Ceará, e durante as aulas fui aos poucos entendendo a importância da tradução não apenas no que diz respeito à nossa formação em Letras, mas também dentro de um espaço muito mais amplo. Comecei a traduzir como exercício de contato e contágio com a cultura italiana, queria buscar o gesto não da tradução, mas da "traduzibilidade", ou seja, do vir-a-ser daquilo que comumente chamamos de texto original. A tradução, assim, é um gesto peculiar de leitura. A proposição que proponho "traduzir é um modo peculiar de ler um texto" provém de outra proposição, do escritor Italo Calvino, quando, durante uma conferência, afirmou que "traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto". A tônica, portanto, para mim, não se encontra no verdadeiro, mas na singularidade da leitura. Desse modo, a tradução, muito mais que dar mais sacralidade ao "texto original", profana o texto original, ela restitui ao uso comum dos homens o que se encontrava separado, por uma série de razões. No entanto, para que haja profanação no gesto da tradução é importante que se coloque em ação um novo uso do texto a ser traduzido. E para que isso possa ocorrer, podemos compreender a tradução como uma brincadeira (como um jogo) que desarticula certas normatizações de leitura em torno da produção de um escritor e de uma escritora dentro dos assim chamados "sistemas culturais". A tradução, nesse sentido, abre uma nova série de leituras sobre seus pensamentos, um novo uso. A grande dificuldade é, de fato, a leitura, visto que a leitura de um texto a ser traduzido jamais se dá sozinha, ensimesmada, mas, sim, em contato com outros textos que foram fundamentais para sua existência. Durante o processo de tradução, portanto, entram em cena outros personagens, sem os quais não se põe em movimento a *traduzibilidade.*

**6 – Nesta edição, o *LiterATOS* lança seu manifesto em favor do "azul", a cor da esperança. O horizonte – tão almejado por nossa espécie -, onde o céu redentor toca o mar, parece ser a nossa maior e eterna busca de salvação. Há poucos meses, a única chapa que concorreu às eleições para a reitoria da UERJ, também fez campanha em nome da esperança e do orgulho de ser uerjiano. Novos e melhores dias hão de chegar. Então, o que você gostaria de pintar de azul no mundo no momento atual?**

Durante uma conversa que tive com Ilaria Ghirri (filha do grande Luigi Ghirri, fotógrafo italiano falecido em 1992), em Veneza, em 2011, ela me diz que seu pai amava a poesia de Sandro Penna. Em 1974, Luigi Ghirri decide tirar uma foto do céu todos os dias, montando-as depois num painel "sem seguir uma ordem de execução". A série tinha como título "∞ Infinito" (mesmo símbolo presente ao fim de nossa leitura de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, que nos leva a "cominciare da capo", tudo outra vez). Ghirri diz que "quando decidiu fotografar o céu por todo o ano, uma vez por dia, também quis destacar a impossibilidade de traduzir os sinais naturais".

Fico imaginando, e me sinto feliz por imaginá-lo, Ghirri lendo o poema de Sandro Penna:

Sob um céu
todo azul
o que espero
o que desejo?
Tudo é paz
mas há um véu
de tristeza
que não interrogo.

Não sei o que isso significa, não sei traduzi-lo, mas sem dúvida me alegra pensar e sentir a existência dos dois artistas sob o céu azul e velado. Meu desejo é olhar para o céu todos os dias e buscar naquela imensidão a luz de uma estrela morta há milhões de anos, que viaja pelo espaço e nos lança seu brilho ao nosso olhar, mesmo que já não exista mais. No entanto, não basta apenas olhar, busquemos também montar e ler as constelações, elas nos ajudam a sair das armadilhas totalitárias.

**7 – Qual livro você considera indispensável para o Brasil de hoje?**

Que pergunta cruel! Há tantos e tantos que poderia citar. Talvez o que ainda não foi escrito, o que espera nosso gesto em busca do azul. Todos os dias tenho o hábito de ler algum texto da Clarice Lispector publicado no "Jornal do Brasil" (e posteriormente incluídos na edição *A descoberta do mundo*), e ali há um, entre tantos, que se chama "Delicadeza": "Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem em tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos".

Agradeço pelo convite de vocês, que estão de parabéns pela realização do jornal em *atos*, muita delicadeza há por aqui. Um forte e azulabraço!

Marcus Motta é professor de Literatura Portuguesa na UERJ

**1 – Fernando Pessoa revolucionou no início do século XX a literatura e a poesia lusófona. Com suas alteridades – seus outros Pessoas – o poeta produziu obras memoráveis, desde poemas, ensaios e resenhas a correspondências e manuscritos pessoais. Em sua vida foi contemporâneo de Salazar e viveu em sua ditadura. Algumas críticas contemporâneas acusam Pessoa, com base em algumas cartas, de ter flertado com o Salazarismo. Qual é a sua opinião sobre isso?**

Diria assim, com alguma história:

"O Prof. Salazar tem, em altíssimo grau, as qualidades secundárias da inteligência e da vontade. É o tipo do perfeito executor da ordem de quem tenha as primárias.

O chefe do Governo tem uma inteligência lúcida e precisa; não tem uma inteligência criadora ou dominadora. Tem uma vontade firme e concentrada, não a tem irradiante e segura. É um tímido quando ousa, e um incerto quando afirma. Tudo quanto faz se ressente d'essa penumbra dos Reis malogrados.

Quando muito, na escala da governação pública, poderia ser o mordomo do país.

Faltam-lhe os contatos com todas as vidas — com a vida da inteligência, que vive de ser vária e, entre os conflitos das doutrinas, não sabe decidir-se; com a vida da emoção, que vive de ser impulsiva e incerta; com a vida da (...)

O Chefe do Governo não é um estadista: é um arrumador. Para ele o país não se compõe de homens, mas de gavetas. Os problemas do trabalho e da miséria, como há ele de entendê-los, se os pretende resolver por fichas soltas e folhas móveis?

A alma humana é irredutível a um sistema de deve e haver. É-o, acentuadamente, a alma portuguesa.

Às vezes aproxima-se do povo, de onde saiu. E traz-lhe uma ternura de guarda-livros em férias, que sente que preferiria afinal estar no escritório.

É sempre e em tudo um contabilista, mas só um contabilista. Quando vê que o país sofre, troca as rubricas e abre novas contas. Quando sente que o país se queixa, faz um estorno. A conta fica certa.

O Prof. Salazar é um contabilista. A profissão é eminentemente necessária e digna. Não é, porém, profissão que tenha implícitas diretivas. Um país tem que governar-se com contabilidade, não pode governar-se por contabilidade.

Assistimos à cesarização de um contabilista."

Fernando Pessoa

**2 – Noam Chomsky, recentemente, afirmou que a humanidade pode estar na fase terminal de sua existência. A Ciência e a Arte hão de nos salvar?**

A ciência não prescinde de nenhum juízo de valor. A Arte sim. Respondo com alguma coisa dela:

Agora observo no esquecimento. Da veluda tinta à senhora sombra há escassos espaços em boa largura. Daí os excessos são instigados por uma ou outra das causas acidentais do todo: a repentina tinta e a sua capa de sombra, ou mancha — borrão da história. Tentar derramar um pouco mais de tinta para me enlevar à total atmosfera da resposta, à conscienciosa releitura, em que eu, o gago, bato o dito, quando intimado? Há medo da tinta tão cedo no dado da lânguida dança de uma escrita, quanto é a alongada língua da tinta numa resposta. Como tombou a tinta do seu pensamento? Já penso nisso e o perguntaria, num quão balbuciante: vou seguir para a sua morada? Do que ouviu falar quando se fez de tinta? Quem repete, responde, escreve a morada ao avesso. Torna-a própria e, enfim, fala de uma vez. A luz que alonga a superfície para longe do que pode esculpe o dia, ermo de tinta, e pressente o dado medo logo cedo. O mar propenso — fora, um novo dia, retrospecto, inverso, espesso e plácido — é órfico (estamos em qual data?). Desculpa alguma toma de assalto o perigo que a lavou e que de fios de tinta revestiu a figura que ousou ser. Mas o que é necessário numa resposta? Aliás, por que necessário? Necessária descrição dos funestos requisitos da arte, suprindo a contínua natureza de todas as coisas, que, no curso, acidente extremo da paisagem, tomados à prima vista, se põem a diferenciar a estranheza da estranheza. A resposta vai à língua, sem som ou sono, fiada e finda. Daqui — mas onde? —, como herdeiro de uma linhagem de eras e horas, há lembranças que encontramos sumidas nos "óleos" já velhos de pensamentos e medos, não é? Guardemos sempre na memória, conectado com o que nunca é o já foi antes, no qual havia, há, haverá, um noturno precedente da natureza em tinta furiosa, sibilando em si de insatisfação e murmurando o aberto, abrindo o mundo no fundo de uma superfície. Agora pela memória inspirado, luz nenhuma disputa. Cego a gente olha para dentro. Daí, a sombra não deixa olhar rumo nenhum. Vê a luz que ali pena? De noite, se é de ser, o céu embola a lucidez no escuro. O tempo que fiquei, deslembrado, detido na pergunta, o quanto foi? Mas, quando se dá o acordo no absurdo, sarando dos olhos, ao fechá-lo, se entrega juízo da arte ao estrangeiro que é distinto, e não é, da estranheza. A luz sem sol, escrita, me permite dizer que não estou mais no asilo daquela memória, mas em outra: na de tinta; sem resposta. Herdeiro que sou de um instante no qual iniciamos o visível das sombras — contemporaneamente, é claro; claro?

**3 – Dizem que a literatura é uma ferramenta que permite que a humanidade não esqueça da sua própria humanidade, ou seja, a literatura possui um papel civilizador. Ao mesmo tempo, os oficiais do partido nazista possuíam uma sólida formação intelectual e eram leitores dos grandes clássicos. Afinal, para que serve a literatura?**

Os símbolos crescem e, se crescem, é porque nascem brotando em outros signos. Eis, então, o assunto que, por ser de nascimento, tem algo de uranoscopia (isso não pode ser perdido de vista), pois se apoia numa pretensa afinidade que se deixa reservada quando algo nasce e se destina. E como a referência à maturação de uma semente poderia assemelhar-se a uma metáfora vitalista (sempre algo reacionário), o nascimento

solicita uma inscrição feita por uma forma absolutamente anterior, o signo absoluto, passando a ser - a Vida -, que se dá entre alguma coisa e outra a ocorrer além. O signo absoluto, a forma que é por estar separada, que desmente o que, no entanto, quer ser, é a marca integral que abre a temporalidade e resolve a personalidade em certos elementos primordiais. Querer ser, querer dizer, eis o problema. Um problema perigoso. Sem grandes questões, pois estou a falar da mão rabiscada, rabisca lendo, como se falasse da plástica primordial que rabisca também, passando a ser, o nascimento e o faz voz em certo momento de certa conjugação, exigindo, de imediato, que o seu saber fique mistério e grafado (continuamente isso é esquecido). Assim, a mão, da leitura ou não, se transveste de inquestionável, oferecendo rastros astrológicos do último testemunho antes de se perder de vista o caso: como o espírito do nascimento se torna alguma coisa brotada, passando a ser? Talvez pareça a você que isso seja uma maneira de demarcar o vir-a-ser, que já é memória, para que eu possa tomar a palavra mão e organizar a voz que as outras carecerão de cumprir. Sem grados litígios, é da voz da mão que estou a pensar. Voz riscada à margem da superfície da inscrição literária, cuja amplitude não passa de eco significante na ressonância de outras palavras que se propagam em outras palavras em diferentes ouvidos. E se a nossa vista se detém nela, é para que a alegoria não pare; pois mais rapidamente se cansará de conceber do que o temperamento de um leitor irá ecoar tecnologias (perigo). Digo impreterivelmente: todo o mundo aparente são apenas traços perceptíveis na amplidão da natureza do símbolo, que nem sequer nos é dado a conhecer de um modo vago. Por mais que ampliemos as nossas apreensões linguísticas, políticas, e as projetemos além dos espaços admissíveis, o literário só idealiza nascer, tão somente, com a voz silenciosa do símbolo, a mão, em comparação com a vozeria das coisas das quais se tem pouca prova e muita violência. A mão é um script sonoro de um nascimento que se encontra em toda parte, cujos traços se acham completamente indiscerníveis nas palavras que usamos.

Quero, porém, atrasar-me na pergunta (ainda não sei se ficarei pronto para chegar até lá) e apresentar-lhe outro prodígio igualmente assombroso, colhido nas coisas mais delicadas. Eis uma mão, tome para si a sua, que na partes pequenas de sua forma contém partes incomparavelmente menores, dedos com suas articulações, veias nesses dedos, sangue nessas veias, humores nesse sangue, gotas de tinta nesses humores, vapores de pensamento nessas gotas; dividindo-se essas últimas coisas, esgotar-se-ão as capacidades de concepção, e estaremos, portanto, ante a ausência mesma da mão: o traço de letras a fazer vibrar silêncios. Como não se admirar de que o corpo escritural da mão, inaudível, quase sempre, perante a postura gramatical, brutal no todo das inscrições, passe a ser um dicionário da passagem, entre a natureza em si mesma e a cultura que o espera eternamente (determinar miticamente uma cultura é o princípio de todo fascismo). Quem assim raciocinar há de apavorar-se de si próprio e, considerando-se suspenso ao olhar as suas próprias mãos, saberá do seu afora, passando a ser, e tremerá à vista de tantas maravilhas e barbáries; e cuido que, transformando a curiosidade em entusiasmo, preferirá contemplá-las calado para não pô-las em concha nas cercanias da boca e ampliar o grito mudo de comando.

Talvez imagine que seja isso a última coisa falha que eu poderia dizer sobre o que resta fora da natureza da mão e responder sua pergunta. Quero mostrar-lhe, porém, nela, a suposição de um novo abismo. Quero fazer repercutir, imaginar, não somente o visível, mas também a grandeza que comporta a escuta. Há nela uma infinidade de destinos a pôr fora, por fora, cada qual com o seu firmamento de adjetivos, seus planetas substantivos, sua terra verbal em iguais proporções às ações no mundo; e, com esses gênios gramaticais, a mão dá vida. Deparará assim, sem cessar, infindavelmente, com a mesma coisa, a remissão por toda parte, e perder-se-á nessas impressões tão abissais nas linhas pequenas da palma quanto as outras na acuidade das frases literárias. Afinal, o que é a literatura por dentro da escritura? A diferença real pertencente aos extremos. Um análogo da noção de passagem, cuja mão é a intuição rememorada de sua partida, e nascimento, da natureza a caminho da cultura. A mão, portanto, uma palavra, que, como corpo próprio e animado do significante, é o afora, o que se põe fora, e, nesse imediato, pelas suas pontas, rabisca por dentro de cada frase, sentença, ou palavra, ao nascer, o túmulo (significado máximo de um conceito). Túmulo como a vida do corpo, como signo da morte, uma psiquê animada ao sopro vivo que é o seu. A mão literária o sabe; ninguém mais sabe que, nos túmulos traçados pela mão, a vida está protegida da morte. É por isso que a literatura, se é que ela ocorre, acontece como a acusação ferina contra todos aqueles que não escutam e nem enxergam o abismo que contém a linguagem. A "literatura" precisa, consequentemente, fazer nascer a voz que habita os túmulos, impondo um ente da natureza, o poema por exemplo, e que, por sê-lo, não tem consciência da morte e, assim, é capaz de estrangular a linguagem ao nascer e revelar o abismo aos seus pés. Acredite que precisamos de literatura, naturalmente, astrologicamente, para manter a cultura como indeterminada, impaciente e imprópria.

**4 – O artista deve ser politicamente engajado?**

Respondo a partir de uma longa citação:

"Com efeito, a liberdade absoluta na arte, que é sempre a liberdade num domínio particular, entra em contradição com o estado perene de não-liberdade no todo. O lugar da arte tornou-se nele incerto. A autonomia que ela adquiriu, após se ter desembaraçado da função cultual e dos seus duplicados, vivia da ideia de humanidade. Foi abalada à medida que a sociedade se tornava menos humana. Na arte, as constituintes que dimanaram do ideal de humanidade estiolaram-se em virtude da lei do próprio movimento. Sem dúvida, a sua autonomia permanece irrevogável. Fracassaram todas as tentativas para, através de uma função social, lhe resumirem aquilo de que ela duvida ou a cujo respeito exprime uma dúvida. Mas, a sua autonomia começa a ostentar um momento de cegueira, desde sempre peculiar à arte. Na época da sua emancipação, este momento eclipsa todos os outros, apesar ou se é que não por causa da não-ingenuidade a que já, segundo Hegel, não mais se pode esquivar. Ela conjuga-se com a ingenuidade à segunda potência, a incerteza do «para quê» estético. Não se sabe se a arte pode ainda ser possível; se ela, após a sua completa emancipação, não eliminou e perdeu os seus pressupostos. A questão brota a partir do que ela foi outrora. As obras de arte destacam-se do mundo empírico e suscitam um outro com uma essência própria, oposto ao primeiro como se ele fosse igualmente uma realidade. Tendem, portanto, a priori para a afirmação, mesmo que se comportem ainda de uma maneira trágica. Os clichês do esplendor conciliante, que se estendia da arte à realidade, não são apenas repulsivos porque parodiam o conceito enfático da arte pelo seu equipamento burguês e a classificam entre as reconfortantes organizações dominicais. Tocam igualmente nas feridas da própria arte (...) E é igualmente impossível reduzi-la a uma fórmula universal da consolação ou ao seu contrário." (Adorno, Teoria Estética)

**5 – A arte precisa ser ‘revolucionária’ para ser interessante?**

Ele (o diabo) – (...) “Esta (a obra de arte) já não suporta a aparência e o jogo, a ficção, a autocracia da forma, que censura as paixões e o sofrimento humano, distribui os papéis e os converte em quadros. Admissível resta unicamente a expressão da dor em seu momento real, expressão não fictícia, não brincalhona, não dissimulada, não transfigurada. A impotência e a miséria cresceram a tal ponto que não é mais permitido realizar com elas jogos imaginários.” (*Dr. Fausto*, Thomas Mann)

Isso basta. Basta no seu bastar. Que os nossos pensamentos retribuam, com afinco, a incorporação determinante disso!

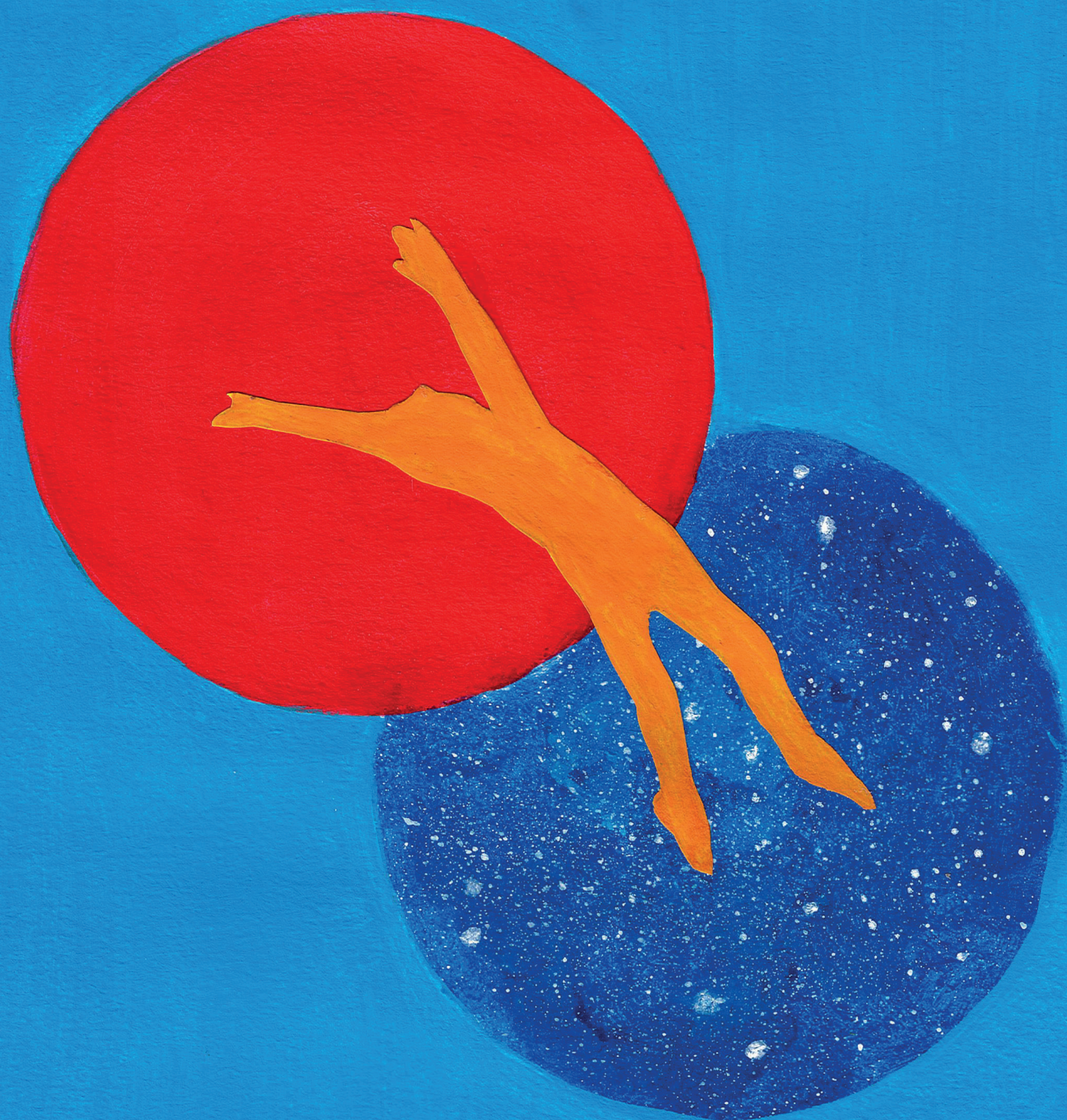
**6 – Na sua opinião, o que acontece de mais grave na nossa literatura e a poesia nacionais contemporânea? 7. Qual livro você considera indispensável para o Brasil de hoje?**

Responderei as duas num gesto só, narrativo e apenas.

“Nem tudo está perdido, minha indômita vontade. O brio da minha mente é audaz outrora vivo. O céu altivo. Onde se encontra o anjo que me deu as costas?” Os olhos imediatamente fixos no horizonte. “Não tenho sorte, embora meu motivo seja justo. Quando esta história se fez? Não conheço ninguém entre mim e ela. Não pronunciarei o seu nome. Encerrado estou nos meus ossos. Eles são agora a minha prévia caveira. Continuo caminhando. Toma meus olhos...”

A história terminava em reticências e um borrão a acompanhava. Cobriam de manchas outras tantas páginas. Tudo um borrão. Mas havia algumas outras após tudo. Assustei-me. As páginas estavam dirigidas a mim. Pus a lê-las e resolvi também transcrevê-las. Quero a sua amizade e aliviar o peso que elas me provocaram. Transcrevo-as, usando colchetes.

{Admito que essa forma de charada da escrita não seja apenas uma história. Veja que ela começa no momento no qual me separo de você. Bem, isso é melhor explícito se careço de explicá-la. Indiferente do que poderia ser a mais perfeita compreensão do fato, penso na volumosa tristeza da história que narrei (suponha). Não sou um escritor. Nunca me pus essa interminável dúvida. Nunca tive o direito de considerar ilegítimo traçar algumas frases, mesmo que sejam de pouco sentido como um todo. Mas a questão que a história encerra, concerne ao valor extralegal da minha escrita feita longe de você. Nascemos no mesmo lugar, não é? Sou incapaz de contabilizar as tristezas que nos cercam há séculos, sentindo-as profundamente num engano de consciência. O que isso quer dizer? Você deve estar se perguntando. A minha escrita apenas reconhece a questão sobre a profunda tristeza que é a nossa herança, a parte mais ativa de todos os nossos tempos. Algo que ainda nos escapa. Mesmo quando sabemos do quanto a natureza dessas terras é de uma tristeza simples, até à beira do mar. Como é chegada a ser evidente que nada referente à história é evidente — admitindo sua impropriedade em relação a si mesma, sua inadequação analógica com qualquer noção de realidade, sua confrontação com a falta de direito à existência — é possível ver o que a torna profundamente triste, sem poder dizer o porquê de sua força lutuosa se identificar com a perda completa da ingenuidade, cuja alegria parece de uma histeria sem lar. Aos olhos dessa história, nossa condição é de extrema fadiga, de cinismo amplo e cômodo, desvinculando-se do comprovável e vivendo na aflição de uma constelação de memórias. Isso provoca um vigor de origem que não se inclui numa identidade de qualquer época, arrastando tudo para o abismo no qual moram nossas tristezas agricultadas por corpos e corpos. Posso ser por você estigmatizado por presunção ao dizer isso. Mas tenho cuidado, pois teria que falar da pouca tristeza na qual nos adequamos. Uma má-fé, poderia dizer. Se a história que narrei, suponha, incrimina-se, é porque ela se dá como relevante ao se tornar um caso grave da tristeza. Gostaria de dizer ao contrário, mas é ela que se traça, entristecendo-se (enaltecê-la não chega a ser o oposto). Ela é uma dessas coisas habituais que merecem ser perdidas quando começam a se fazer atentas, pois enganadas por minha precária posse, não se acha sem roer a tristeza alheia, mesmo a adequada. Sei que a narração da minha história maltrata todas as possibilidades narrativas que são as dela. Existe nisso algo estranho. A escrita traçada não consegue se voltar para história sem se perder na tristeza. Sendo assim, a questão desse traçado que enviei é tentar se evidenciar como uma profunda tristeza. Mas lhe falta arte. Cabe a cada um de nós tal busca. Nada pude fazer de escape e promessa, pois o infinitamente triste é o término absoluto de qualquer esperança. Lancei tinta escura sobre passagens que pareciam chegar muito próximo da absurda tristeza, manchando todos os parágrafos para que eles não sobrevivessem em nossas fadigas recorrentes e frágeis e ridículas.}

Pulo para fora da cadeira num relance quando transcrevi a última frase. Bati com a testa na parede três vezes e me senti vendo sua pergunta magro, magro, a viver da esperança de encontrar o profundamente triste. Que o você se debruce sobre isso e me perdoe horizontalmente.

# LITERATOS

**O JORNAL DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA DA UERJ**

LITERATOSJORNAL@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/LITERATOSJORNAL
INSTAGRAM.COM/LITERATOSJORNAL